



PROVAS DE AGREGAÇÃO

Sumário da Lição de Síntese

(Decreto-Lei n.º 239/2007, de 19 de Junho, Artigo 5.º, alínea b)

**A Escrita de Viagens como Estratégia de
Patrimonialização:
Representações do Património Cultural e Histórico
Português Oitocentista em *Journal of a Few Months
Residence in Portugal and Glimpses of the South of Spain*
(1847), de Dora Wordsworth Quillinan**

Rogério Miguel do Deserto Rodrigues de Puga
Junho de 2024

Sumário pormenorizado da lição síntese elaborado de acordo com alínea b) do artigo 5º do Decreto-Lei nº 239/2007 de 19 de Junho, para apreciação na prestação de provas para a atribuição do título de Agregado da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, no ramo de Literaturas e Culturas, especialidade de Estudos Literários.

Índice

Introdução	3
1. A escrita de viagens feminina e a utilização do passado histórico como elemento da identidade nacional	5
2. Representações da memória colectiva e do património histórico português	12
3. Crítica à extinção das ordens religiosas e à secularização do património católico pelos liberais.....	16
4. A escrita de viagens ecfrástica como crítica de arte (sacra): a museificação do património religioso	20
5. <i>Antiquarianism</i> e património imaterial: estudos científicos, literatura e manuscritos	23
6. Restaurar e conservar ruínas enquanto herança(s) do passado	30
7. O Museu Portuense como espaço de construção de memória e a crítica às políticas museológicas liberais	35
Conclusão	39
Bibliografia	41

Introdução

Entre 1845 e 1846, Dora Wordsworth Quillinan (DWQ, 1804-1847) — filha do poeta William Wordsworth (WW, 1770-1850) e da diarista Mary Wordsworth (MW, 1770-1859) e mulher do poeta e romancista nascido no Porto, Edward Quillinan (EQ, 1791-1851) —, o seu marido e a sua enteada e afilhada de WW, Rotha Quillinan (1822-1876), visitam Portugal e o sul de Espanha. Os Quillinan chegam à Foz do Porto em Maio de 1845, a 11 de Março de 1846 partem para Lisboa, de onde viajam, a 16 de Abril, rumo a Cádiz. Pouco antes de falecer (a 9 de Julho de 1847), a ‘filha do poeta’ publica, no final de Abril, o relato de que nos ocupamos, com o apoio de marido e do editor Edward Moxon (1801-1858), contra a vontade dos seus pais, que também se opuseram à viagem a Portugal devido ao debilitado estado de saúde da filha. O *Journal* tem sido pouco estudado e nunca foi alvo de qualquer dissertação ou tese, tendo apenas sido republicado em 1895, e traduzido para português em 2021.

A presente Lição, intitulada “A Escrita de Viagens como Estratégia de Patrimonialização: Representações do Património Cultural e Histórico Português em *Journal of a Few Months Residence in Portugal and Glimpses of the South of Spain* (1847), de Dora Wordsworth Quillinan”, combina, na senda de um congresso que organizámos em 2018,¹ os estudos literários e os *critical heritage studies*² através da análise da representação do património³

¹ Congresso Internacional “Literature (&), Intangible Heritage”, cuja organização coordenei e que teve lugar, em 11 e 12 de Outubro de 2018, na NOVA FCSH, organizado pelo CETAPS, pelo European Studies Programme da Universidade de Guelph (Canadá), pela Direcção Geral do Património Cultural (DGPC), pelo Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC), pelo Centro de Estudos Sociais (Universidade de Coimbra), pela Área de Filologias Galega e Portuguesa da Universidade da Extremadura (Espanha) e pelo Centro Nacional de Cultura (Portugal).

² Desde os anos 80 do século passado, vários autores (Hewison 1987: 43, 47, 144; Boswell e Evans 1999) têm questionado, no âmbito dos *critical heritage studies*, a importância do conceito de ‘património’ nas sociedades contemporâneas e concluíram “there is, really, no such thing as heritage” (Smith 2006: 11), apresentando esse fenómeno (que não é neutral em termos ideológicos) como um constructo e discurso sobretudo ocidental e dirigido à classe média (Hewison 1987: 43) sobre o passado a partir do presente. Os *critical heritage studies* distinguem-se dos *heritage studies* devido à “emphasis of cultural heritage as a political, cultural, and social phenomenon” (Gentry e Smith 2019: 1148-1149). Sobre o *critical turn* nos estudos sobre património, vejam-se Gentry e Smith (1148-1168) e Graham e Howard (2008), antologia de estudos que analisa quer o património como fenómeno cultural e não apenas fruto de trabalho técnico e de escolhas políticas [o discurso sobre o património vai mudando e é (re)negociado para servir os diferentes interesses e necessidades do momento presente e (d)estabilizar identidades e sentimentos de pertença], quer identidades em conflito, património de comunidades excluídas, memorialização da violência, pós-colonialismo, decolonialidade e *heritage from below*. Já Smith (2006: 11-12) defende que o património é um constructo discursivo com consequências materiais que pode validar ou questionar o *status quo*, sugerindo que existem opiniões e debates sobre património, que, aliás, não se auto-definem nem consistem apenas no valor intrínseco de um objecto, local, prática ou monumento, pois o seu valor é-lhe atribuído por especialistas, com base num variado leque de razões e critérios que vão sendo alterados.

³ A complexa definição de património é dinâmica e abrange várias dimensões (cultural, histórica, social, natural, económica, política, entre outras) e remete quer para um constructo mental e *performances* culturais que produzem e atribuem significados (e emotividade) a determinados espaços monumentais, industriais,

material e imaterial⁴ histórico e cultural português no *Journal* (também ficcionado) de DWQ publicado no período em que o conceito de património histórico britânico se altera, no âmbito do *turn to national heritage*,⁵ ao ser transformado, tal como a História, num fenómeno estético nacional(ista) de cariz cada vez mais público (Leerssen 2010: xv-xvi) que abrange antigas ruínas (tão ao gosto romântico), monumentos, por exemplo (neo)góticos (o revivalismo gótico),⁶ tradições populares e a literatura, que, por sua vez, representa e valoriza esse património e a história. Como veremos, DWQ assiste a esse mesmo fenómeno em Portugal após as invasões francesas (1807, 1809, 1810) e a extinção das ordens religiosas (1834) ao visitar espaços outrora religiosos e obras de arte sacra em museus e igrejas que tinham passado a estar acessíveis a um público mais alargado. Ao seleccionar determinado tipo de monumentos e obras de arte, a escrita de viagens da autora vitoriana que crescera num lar romântico ecoa o processo de patrimonialização pelos portugueses e contribui para esse fenómeno ao nível internacional, no universo anglófono, como outros autores já haviam feito, por exemplo, James Murphy (1760-1814) e Lord Byron (1788-1824), entre outros. O

etnográficas, naturais, culturais, políticos e históricos, quer para paisagens, tradições, práticas e memórias (Smith 2006; Logan, Craith e Kockel 2016: 1, 5), levantando as questões do criador, do agente e do perpetuador dessas memórias (emocionais, positivas e negativas) que incluem e excluem interesses, comunidades e produções artísticas e são cada vez mais comercializados pela ‘indústria da memória’ (Klein 2000). O património é associado (muitas vezes problemáticamente) aos conceitos de memória (Starzmann e Roby 2016), sentimento de pertença e identidade (Hooper 2018), concluindo Logan, Craith e Kockel (16) que o património “is no longer seen as just something actually or allegedly inherited from the past and used for a narrow political purpose. It is increasingly recognized as a dynamic evolving interplay of multiple factors touching all aspects of contemporary human life”. Já o manifesto da Association of Critical Heritage Studies (2011: s.p.) acentua o facto de o património ser também um acto político que reforça relações de poder: “[n]ationalism, imperialism, colonialism, cultural elitism, Western triumphalism, social exclusion based on class and ethnicity, and the fetishising of expert knowledge have all exerted strong influences on how heritage is used, defined and managed. [...] [C]ritical heritage studies will ask many uncomfortable questions of traditional ways of thinking about and doing heritage, and that the interests of the marginalised and excluded will be brought to the forefront when posing these questions”.

⁴ A UNESCO (2011: s.p.) define património imaterial (*intangible heritage*) nos seguintes termos: “cultural heritage does not end at monuments and collections of objects. It also includes traditions or living expressions inherited from our ancestors and passed on to our descendants, such as oral traditions, performing arts, social practices, rituals, festive events, knowledge and practices concerning nature and the universe or the knowledge and skills to produce traditional crafts. While fragile, intangible cultural heritage is an important factor in maintaining cultural diversity in the face of growing globalization. An understanding of the intangible cultural heritage of different communities helps with intercultural dialogue, and encourages mutual respect for other ways of life. The importance of intangible cultural heritage is not the cultural manifestation itself but rather the wealth of knowledge and skills that is transmitted through it from one generation to the next”.

⁵ Schildgen (2008: 158) conclui que o *turn to national heritage* como projecto cultural europeu reflecte “the monumental psychic losses of the period. England’s massive urbanization that began in the eighteenth century [...] dislocated half the population who were cut off from village and traditional lifestyle [...]. When urban environments rapidly changed and signs of the old built environment disappeared [...] England’s entire population was affected. The fashion of medieval fairs; the taste in Gothic literature; the paintings, drawings, and posters of ruined abbeys [...] or empty villages can all be partly attributed to the psychic loss occasioned by this economic and social revolution”.

⁶ Davis (2015: 12-16) defende que os revivalismos artísticos não são uma duplicação de um período pretérito, mas sim uma multiplicação com base nas necessidades do presente através da qual um novo (e distinto) passado é (re)criado.

nosso capítulo primeiro aborda a escrita feminina vitoriana e a utilização do passado histórico como elemento primordial da identidade nacional, antes de o capítulo seguinte se ocupar da memória colectiva e do património históricos portugueses. O terceiro capítulo analisa a estratégica crítica à extinção das ordens religiosas (1834) e à política liberal, antes de estudarmos a escrita de viagens efrástica como uma forma de a autora fazer crítica de arte e analisar a museificação do património religioso. O capítulo quinto ocupa-se de temáticas como o *antiquarism* através da análise do uso de estudos científicos portugueses, de manuscritos e do património imaterial, incluindo o termo-conceito ‘saudade’. Os dois últimos capítulos estudam as temáticas das ruínas, do restauro e da conservação, bem como o simbolismo político e nacional do Museu Portuense, o primeiro museu de arte em Portugal.

1. A escrita de viagens feminina e a utilização do passado histórico como elemento da identidade nacional

Como é sabido, no século XIX, o passado histórico é utilizado no processo de construção de identidades⁷ nacionais modernas (Blix 2008), e o (neo)medievalismo e o Romantismo são algumas das dimensões desse nacionalismo cultural, enquanto o surgimento de ciências como a história (de arte), a geografia, a geologia e a arqueologia, que substituíam gradualmente o *antiquarianism*, entre outras, dá lugar ao chamado *scientific trend* (Frankl 1960: 491-496; Trigger 1996: 253-279; Heringman 2003, 2013), fenómenos e transformações que o *Journal* estetiza e espelha. Entendendo o património enquanto forma de revisitar o passado a partir do presente, detemo-nos sobretudo na representação de monumentos (incluindo os arqueológicos), construções arquitectónicas, da literatura e de algumas tradições portuguesas no diário de DWQ, a partir de conceitos e abordagens metodológicas dos estudos literários e dos estudos sobre património (*critical heritage studies*) e memória⁸ (*memory*

⁷ O conceito de identidade é complexo e subjectivo e, como sabemos, não existe uma definição totalmente satisfatória, sugerindo um outro conceito, o da ‘identificação’ do indivíduo com determinados grupos e comunidades, ao nível emotivo, psicológico, cultural e discursivo (Hall 2003: 1-17). No entanto, tentamos, de seguida, definir, em traços largos, o conceito como o entendemos ao longo deste estudo, remetendo o leitor interessado para Puga (2014). A identidade (nacional) é um processo dinâmico, fragmentário, em permanente construção, sendo também maleável e múltiplo, cada vez mais inclusivo (mas que também exclui), é também uma “narrativização” do indivíduo (em privado e em público) e do colectivo, com base em símbolos culturais e constructos como sentimentos de pertença e de segurança (Hall 2003: 1-17; Bauman 2004).

⁸ Kaplan (2023: 2) recorda que memória já foi definida através de adjectivos e termos como: estética mnemónica, viagem, multidireccionalidade, conectividade, palimpséstico, colectivo, transcultural, transnacional e cosmopolita: “[m]emory moves [...] through so many aspects of lives lived through intersecting global traumas [...], always fluid, alive, changing, grasping, that it can never be done, can never be complete. It’s a process, not an end game”, concluindo “[m]emory studies grapples with how memory collides with history, with repressive structures meant to keep it down, with revisionism. Memory studies mines literature, art, music, and many other forms to find out how memory matters” (7). Já Yuhl (2005), Kytte e Roberts (2018), Camacho (2011) e Glenieer

studies), cientes de que um sumário de uma Lição nunca poderá contemplar os conceitos, temáticas e problematizações possíveis num estudo mais aprofundado, que faremos no futuro.

No século XIX, a escrita de viagens permite a inúmeras autoras participar, cada vez mais como autoridades informadas, nos discursos público e científico — que eram considerados sobretudo masculinos — e comentar acontecimentos políticos e históricos recentes. Inúmeras autoras que se viriam a tornar escritoras profissionais — por exemplo, Marian Starke (*Travels in Italy*, 1802), Maria Graham (*Letters on India*, 1814), Elizabeth Rigby (*Letters from the Shores of the Baltic*, 1841) e Anna Jameson (*Visits and Sketches at Home and Abroad*, 1834) — começam por publicar relatos de viagem (tal como acontece com DWQ, que, à semelhança delas, descreve obras de arte em museus continentais) e contribuem, por exemplo, para o desenvolvimento da história de arte como ciência, não tendo, portanto, um papel secundário nesse processo, como durante muito tempo se pensou (Fraser 2014: 2),⁹ pois utilizaram esses relatos “as a means of arguing for greater freedom and of accessing the public sphere, the arena of politics” (Schlick 2012: 14). Thompson (2017: 133) conclui que a influência pública e a agência que as mulheres conquistam com a escrita de viagens permitem-lhes ser reconhecidas pelos seus pares como intelectuais e comentadoras culturais e políticas, processo que acaba por ser quer uma “journey to authority” que mostra as muitas tarefas das mulheres enquanto educadoras, investigadoras, activistas e reformistas sociais, entre outras, quer um projecto proto-feminista na medida em que pretende tornar visível “[the female] civic-mindedness and capacity for empirical observation and rational debate” (Thompson 2020: xvi). DWQ, como já referimos, faz exactamente isso ao teimar viajar para Portugal e publicar o seu *Journal*, passando de amanuense e ‘musa’ de poemas do seu pai a criadora literária autónoma e a autoridade no que diz respeito a Portugal.

No século XIX, a escrita de viagens assentava na ‘outrificação’ de comunidades e grupos nacionais e até, por vezes, na sua exotização através, por exemplo, do chamado alhambrismo,¹⁰ que ecoa, por exemplo, na procura de elementos ‘mouriscos’ em Sintra por parte de DWQ que visitaria, inclusive, a Alhambra. A construção e o fortalecimento de

e Mushal (2020: 3) analisam a forma como as dinâmicas de classe, etnia e género, entre outras, moldam a forma como determinados poderes, patrimónios e narrativas influenciam a nossa memória individual e colectiva, e como comemoramos o passado (determinados acontecimentos e não outros) e de que forma as memórias de certos grupos, classes ou comunidades são privilegiadas e/ou esquecidas. Para uma história da memória, consulte-se Hutton (2016).

⁹ Vejam-se também Orr (1995) e Kanwit (2013: 2-3, 11-10).

¹⁰ Sobre a utilização do *Alhambresque* e do património árabe pelos próprios espanhóis (nas exposições universais) para definir a sua identidade nacional no século XIX, veja-se McSweeney (2017: 50-70). Schwarzer (2012: 19) define nacionalismo arquitectónico como “the design of a building according to considerations of how it represents or advances ideas of a nation”.

identidades nacionais e sentimentos de pertença assentam também em identidades de género¹¹, de classe¹² e religiosas, entre outras, numa época em que as restrições aos católicos eram aliviadas na Grã-Bretanha (GB), para desagrado de figuras como WW. Como o prefácio do *Journal* recorda, é fácil criar e perpetuar estereótipos negativos sobre o Outro religioso e cultural, como aconteceu na Inglaterra a respeito de Portugal, sendo um dos objectivos da obra anular essas imagens e apresentar uma descrição mais real e neutral dos patrimónios histórico, natural¹³ e cultural do país aliado, que era ainda um desconhecido “labyrinth for strangers” (I: vii)¹⁴ e um país em permanente “civil-warring” (I: ix),¹⁵ como Kingston também afirmaria (1862: 241), conflitos que levam à destruição do património histórico e cultural, tal com os saques de franceses e ingleses que a autora, que se assume como viajante pioneira (I: ix-x), refere amiúde (I: 22, II: 17), ciente da forma como os obstáculos relacionados com o género¹⁶ afectam a viagem feminina, ao caracterizar o seu livro como um “Diary, prepared solely for my friends at home [...] a desultory Journal [...] my notes” (I: x-xi, xiii). No entanto, essa ideia e a convenção literária (comum) do diário superficial redigido apenas para familiares são desconstruídas pelos longos comentários históricos e políticos ao longo do texto.

¹¹ Num estudo sobre escrita de viagens feminina, Robinson-Tomsett (2013: 7) define género como as “ideas in public circulation about the appropriate qualities and roles for men and women, [...] the] behaviours that [...] codify an individual male or female [...]. [G]endered qualities and behavioural expectations were attached to the female journeyer abroad [...] – how society sets the rules for masculinity and femininity – and explored processes of gender socialization [...]. Etiquette books and imagery clearly expressed what constituted, and instructed women how to be, the properly feminine journeyer”.

¹² A definição de cada uma das três classes sociais tradicionais (trabalhadora, média e alta) será sempre problemática e insatisfatória porque levantará sempre inúmeras questões. Davidoff e Hall (2018: 18-19) defendem que “class was always gendered and gender always classed” (xvii) ao analisar a formação da ‘ideologia’ da classe média entre 1750 e 1850, um grupo não homogéneo cujo poder económico advém, ao contrário do da aristocracia, do comércio, da industrialização e de ocupações profissionais, e que está cada vez mais consciente dos seus interesses políticos, sociais e económicos colectivos (comuns), distintos dos da aristocracia e da classe trabalhadora. A classe média assume como ‘seus’ os valores da família cristã, da sobriedade, da moralidade, da indústria, da autoridade e da superioridade face à classe trabalhadora (Davidoff e Hall: xvi-xvii, xxxiii, 21, 150).

¹³ Não nos ocupamos das descrições do património ecológico luso, sobretudo dos mais desconhecidos montes do Minho e Gerês e da já famosa e agreste natureza de Sintra que são transformados em ‘geologia estética’ (Heringman 2004: 267-280) e acompanhados por *soundscape*s da fauna local.

¹⁴ Tal como DWQ, também no século XX, outras viajantes anglófonas continuariam a descrever Portugal como um país periférico no circuito turístico, nomeadamente Lady Russell (Gordon 1932: 1) e Lady Lowther (1939: 5).

¹⁵ Não admira que DWQ se refira a Portugal nesses termos, pois visita o país durante a Revolta da Maria da Fonte contra o governo cartista presidido por António Bernardo da Costa Cabral, que começa em Janeiro-Fevereiro de 1846, em freguesias de Póvoa do Lanhoso, localidade que DWQ refere no *Journal*, e atinge o seu auge a 2 de Março, ainda o casal estava no Porto, e levaria à demissão de Costa Cabral, a 17 de Maio, já os Quillinan estavam em Espanha. Embora não haja qualquer referência aos tumultos no *Journal*, a autora menciona, como veremos, *en passant*, a demissão de Costa Cabral, o seu exílio, a ‘guerra civil’ e o seu regresso (II: 28).

¹⁶ O *gendered gaze* (Fraser 2014: 2), ou experiência visual feminina da autora, é diferente da do viajante devido às restrições que os papéis de género impunham à *proper lady*, por exemplo, as práticas e os espaços proibidos, a falta de liberdade e a obrigatoriedade de sair acompanhada.

Antes de analisarmos a representação da paisagem patrimonial histórica e cultural portuguesa no *Journal*, importa enfatizar que se trata da representação subjectiva¹⁷ das imagens percebidas pela autora que, como revela a nossa investigação, citou romances e contos do marido e plagiou o relato que o cunhado Henry Lawson Quillinan (1812-?) publicara na revista *The Lusitanian* (assinado por C., “Scenes and Sketches in Portugal”, n. 6, pp. 266-271) para redigir a secção sobre o Minho e o Gerês do seu *Journal*,¹⁸ demonstrando a dimensão ficcional que também caracteriza a escrita de viagens. A paisagem patrimonial é por nós analisada como um constructo cultural que a viajante filtra com o apoio do marido católico português e de guias, tecendo juízos de valor sobre determinados elementos dessas paisagens que não se cristalizam, mas vão-se alterando ao longo do tempo, tal como a identidade nacional (Hall 1990: 222) representada através de espaços, práticas e escritos patrimonializados de que a autora se torna curadora e mediadora, por vezes através de notas finais, para o leitor anglófono de classe média ou alta.

Como comprovam as sensibilidades histórica, arquitectónica e artística que deram, no século XVII, lugar ao Grand Tour, a monumentalidade foi “uma necessidade de sempre”, sobretudo como forma de criar símbolos e estatutos sociais e políticos (Giedion 1958: 31).¹⁹ A utilização do passado para servir interesses contemporâneos não é, portanto, novidade do século XIX,²⁰ mas é nessa centúria que se observa uma mudança na forma como inúmeras comunidades nacionais recém-criadas se relacionam com e revisitam o seu passado (Thiesse 2022) e promovem conceitos (alguns datados) como ‘raízes comuns’, ‘alma do povo’ e continuidade histórica. Por outro lado, no pós-Revolução Francesa, muito património

¹⁷ DWQ já não apresenta apenas meros factos sobre o país visitado, mas opiniões e uma visão subjectiva e emotiva das várias esferas das realidades social e cultural, atitude que é identificada como marca do *Romantic turn* na escrita de viagens de final do século XVIII (Parks 1964: 22-33).

¹⁸ As cartas e os diários das famílias Wordsworth e Quillinan permitem-nos concluir que, ao contrário do que o *Journal* ficciona, quando Dora chegou ao Porto, em 1845, ficou doente durante dois meses e não pode ter visitado o Minho e o Gerês, viagem que ficciona com base no texto anónimo do seu cunhado.

¹⁹ Em Portugal, Franco (1809: 12) refere os Mosteiros de Alcobaça, da Batalha e de Santa Cruz de Coimbra como “Monumentos magníficos, que atestam a nossa primitiva grandeza, e a illustre antiguidade de suas fundações coevas com a propria Monarchia” que ruiam se estivessem ao cuidado de particulares. Em 1814, o conde de Palmela, D. Pedro de Sousa Holstein, que o *Journal* aliás menciona, pede ao governo francês a devolução da Bíblia de Belém roubada durante as invasões francesas e utiliza a expressão “monumento nacional” (Lima 2013: 273-274) que se celebrizara em França na sequência da destruição generalizada de bens durante a Revolução Francesa. Ao visitar a Torre do Tombo, na altura em São Bento, DWQ refere esse episódio do roubo da Bíblia e a sua posterior aquisição (II: 79). Já em Fevereiro de 1836, uma portaria de Luís Mouzinho de Albuquerque incumbia a Academia das Ciências de Lisboa de listar os edifícios das ordens extintas “dignos de ser conservados [...] pelo] Governo como monumentos públicos [...], objectos de interesse Nacional” (Albuquerque 1836: s.p.). Sobre a história do conceito de monumento e património com base na ideia do passado na Europa e em Portugal até ao século XIX, veja-se Custódio (2008: 74-87).

²⁰ O impulso para o início da preservação sistemática do património português remonta ao século XVIII, quando a Real Academia de História designa, no alvará de 20-08-1721, que “qualquer pessoa não se pode desfazer, destruir [...] qualquer edificio antigo, ainda que em parte esteja arruinado, assim como estátuas, mármores” (França 1996: 23-39), projecto político de conservação que seria reforçado no século XIX.

religioso é secularizado (‘nacionalizado’) por toda a Europa, e em Portugal após 1834, tornando-se público, processo que DWQ ainda testemunha em 1845 e comenta de forma negativa, como veremos. O início da teorização e da divulgação sistemáticas do actual conceito de património e do *ethos* da sua preservação²¹ — pelas imprensas, academias e indústrias culturais britânicas e portuguesas — dá-se na época em que DWQ visita Portugal (Hamilakis 2007; Lozny 2011; Swenson 2013 Logan, Craith e Kockel 2016: 1-2; Gentry e Smith 2019), defendendo autores como Harrison (2013: 39) que o património é simultaneamente um produto e um produtor da modernidade ocidental, e Astudillo e Salazar (2024: 181) que os imaginários são “representational assemblages of the past” e formas de compreender e (re)criar a histórias e projecções do *Self* e do(s) Outro(s) que alimentam identidades dinâmicas, pelo que esses estudiosos analisam o património como parte do nosso imaginário. No Portugal Oitocentista, escritores como Garret e Herculano,²² ambos referidos por DWQ, e pintores e arquitectos como Alfredo de Andrade (1839-1915) ‘inventam o património’ e promovem o seu conseqüente restauro (Costa 1997), no período da ‘consagração do monumento histórico’ (Choay 2000: 111-154) e do “culto dos monumentos nacionais” (Alves 2009) antigos e dos que então se construíam, como, por exemplo, o Teatro Nacional, cuja inauguração o *Journal* (II: 76-77) menciona ao ocupar-se, como o nosso estudo demonstra, de práticas e preocupações internacionais com o património e a identidade nacionais. O debate sobre património era também já amplo na GB, pelo que a opinião e os discursos públicos britânicos influenciam a forma de DWQ observar e (d)escrever, de forma mais neutral (ou elogiosa), o Outro católico através do seu antigo e valioso património. O *Journal* assume-se, assim, também como uma estratégia de patrimonialização ao seleccionar monumentos, práticas e obras literárias dignas de menção e de restauro e conservação. A autora textualiza diversos tipos de património português histórico e católico com o público britânico (maioritariamente protestante) em mente, recordando a antiguidade de Portugal e a diversidade e riqueza do seu passado para atenuar os já referidos estereótipo negativos. Essa atitude de DWQ, mais neutral do que a de outros viajantes protestantes, dever-se-á à

²¹ Embora os conceitos de património e conservação não tivessem ainda os significados que adquiririam no século XX, utilizamo-los aqui como sinónimo quer da valorização do património histórico que já se fazia sentir no século XIX, quer da sua recuperação e conservação, como DWQ descreve ao visitar Guimarães e ruínas romanas. Sobre as origens da protecção legal do património cultural no século XIX, veja-se Mannoni (2023), e acerca do restauro em Portugal, no século XIX, consulte-se Sousa (2012: 152-179).

²² Em 1838, nas crónicas “Os Monumentos (I)”, “Os Monumentos II” e “Mais Um Bardo a Favor dos Monumentos” (I) e (II), que publica na revista *Panorama*, Herculano critica quer os critérios que regiam a antiquada historiografia nacional e que haviam mudado significativamente na Europa, quer a reutilização e o abandono de alguns monumentos, e ilustra a consciência pública do estado dos monumentos nacionais, na senda, por exemplo, de “Sur la Destruction des Monuments” (1825) e “Guerre aux Démolisseurs” (1832), de Victor Hugo.

sua tolerância, mas sobretudo ao facto de o seu marido e informante privilegiado ser católico e natural do Porto, optando por comentar sobretudo o valor estético da arte sacra e desenvolver uma poética de tolerância ao evitar analisar o discurso religioso e os dogmas e crenças veiculados por essas obras.

A literacia visual da diarista é, aliás, influenciada pela estética do ‘pitoresco’, termo que utiliza dezenas de vezes. No início do século XIX, Payne Knight (1805: 145) teorizara o património (pitoresco) e o seu efeito no observador a partir das ideias de memória e história, defendendo que “all pleasures of the intellect arise from the association of ideas [and emotions...] we shall find that much of the pleasure, which we receive from painting, sculpture, music, poetry, etc. arises from our associating other ideas with those immediately excited by them”, processo que testemunhamos quando o *Journal* aprecia o desconhecido património português e codifica essas paisagens históricas, naturais e culturais como elementos da emotiva estética do pitoresco, sobretudo os solares e as ruínas no universo rural que é também percorrido por vagabundos e outros *outcasts* sociais.

O *Self* cultural protestante inscreve-se amiúde entre as linhas do relato, e, como seria de esperar, a visão subjectiva de DWQ sobre Portugal faz eco de teorias e narrativas culturais (colectivas) inglesas de género e classe, bem como de discursos nacionalistas (sobre portugueses católicos e franceses invasores e saqueadores, por exemplo) replicados por uma narradora que reclama a sua identidade de viajante de classe média alta. A *proper lady* em mobilidade é acompanhada por um ex-soldado luso-inglês (EQ), conhecedor do país que a autora observa chegada “fresh from England” (I: 30)²³ e que representa como lento, rústico e pré-moderno, pois as rudimentares fábricas ainda são familiares e não existem caminhos-de-ferro,²⁴ por oposição às modernizadas Barcelona e França e à GB industrializada, caracterização que é semelhante à de Espanha e Itália noutros relatos românticos que descrevem esses países como “premodern corp[ora] of cultural traditions” (Luzzi 2008: 1, 52). Aliás, autores românticos, como o pai de DWQ, comentavam o fim do ‘antigo’ modo de vida com a industrialização e o avanço da tecnologia, enquanto a arqueologia expressa as

²³ A ênfase na observação de Portugal por alguém recém-chegado de Inglaterra convida o leitor anglófono a mimetizar essa perspectiva, que é reforçada pela sensação de choque cultural veiculada amiúde por DWQ (I: ix, xi, xv, 5, 6, 29), nomeadamente através de expressões e frases como: “[a]n English person, just landed on these shores, looks on the scene with wonder and distaste”, “presented themselves to my English eye”, ou “what seemed strange to us” (I: 11, 15 e 30 respectivamente).

²⁴ DWQ visita Portugal no período de transição do Antigo Regime para o Liberalismo, ainda antes do progresso a que a industrialização finissecular d’ s origem, sobretudo a partir de 1870, ao estimular o desenvolvimento da Banca e dos serviços (comércio, seguradoras, serviços públicos) que se modernizam e promovem um novo urbanismo e uma nova burguesia cidadina.

ansiedades desse mesmo processo ao enfatizar períodos e episódios pretéritos e legados históricos como a arquitectura gótica (Duggett 2022).

Como é sabido, o conceito moderno de património é fruto de ideais iluministas sobretudo no pós-Revolução Francesa e desenvolve-se com o advento da modernidade pós-industrial, o crescente estatuto da Ciência, o declínio da autoridade religiosa (secularização) e o estabelecimento de metanarrativas como os discursos sobre progresso (histórico, financeiro e social), racionalidade, ‘nação’ e império, num período marcado pela forte migração para zonas urbanas e revoluções políticas, sociais e industriais que alteram (e, nalguns casos, traumatizam) a sociedade e destabilizam as noções de identidade, lugar, cidadania e do passado e geram uma *time-space compression* que exacerba as experiências modernas de desenraizamento, ruptura e alienação (Butler 2006: 465).²⁵ O património (nomeadamente o medieval, por vezes em ruínas, tão apreciadas pela estética romântica) e as ‘tradições’ de antigas comunidades imaginadas (Anderson 1991) adquirem uma função redentora relativamente ao passado histórico recuperado e são (re)inventados (Hobsbawm et al. 1983) e ‘nacionalizados’ através de museus, memoriais e comemorações no presente industrializado (Lowenthal 2015; Maleuvre 1999; Butler 2006: 465) que DWQ não encontra em Portugal.

Após a Revolução Francesa, a nacionalização de monumentos e a fundação de instituições como bibliotecas, museus e teatros nacionais, referidos por DWQ, canonizam o passado nacional e reforçam ou constroem a identidade colectiva ao estabelecer uma continuidade entre o passado e o presente ‘domésticos’ e ao recusar esquecer esse tempo pretérito que ajuda a formar o constructo da sociedade cívica dominada pelos ideais (da classe média) de virtude cívica e de nacionalismo (Fritzsche 2004; Leerssen 2010: xvii-xxi). O *Journal* espelha a recusa da modernidade pela viajante aldeã e as saudades de um mundo menos tecnológico e mais lento que ela aprecia no Lake District²⁶ e procura e encontra em Portugal. A modernização social dá assim lugar ao uso da história no universo literário e cultural, bem como na esfera pública, e surge aquilo a que hoje chamamos história popular quando o passado histórico se torna gradualmente mais público também através da escrita de viagens. Por outro lado, a própria nação-estado “envisaged itself [...] in diachronic as well as

²⁵ Schildgen (2008: 146) recorda que se na GB o revivalismo gótico se encontra também associado à religião, o movimento oitocentista de preservação do património europeu pode ser atribuído a quatro factores: “it was a culture of tolerance that upheld (1) secular values, (2) aesthetic standards (by which the medieval legacy became prized), (3) scientific history (with art history emerging as an academic discipline by the middle of the century), and (4) national cultural heritage as categories of value in the building of a citizenry educated about its past”.

²⁶ Numa das suas viagens a Londres, em 1828, DWQ queixa-se da azáfama urbana e confessa preferir a sua vida rural em Grasmere (Wordsworth 1944: 39-40), como também Sara Coleridge refere em 1826 (WLMS A/Coleridge, Sara/11).

synchronic terms. The nation was not only seen as a community of fellow-members in a given society, but also as a filiation of ancestors and contemporaries linked in a generational chain of cultural and mnemonic continuity” (Leerssen 2010: xix), e essa mesma ideia é veiculada por DWQ ao acentuar a antiguidade do património do país do seu marido católico cuja riqueza cultural e histórica deseja promover junto do público anglófono.

2. Representações da memória colectiva e do património histórico português

A pintura, o teatro e o romance históricos que, como sabemos, constroem e celebram heróis nacionais, popularizaram-se no mesmo período em que a historiografia se torna uma ciência, não sendo de admirar que DWQ refira essas formas de arte, por exemplo a peça histórica²⁷ que inaugura o Teatro Nacional e que actualiza o mito do Magriço e dos Doze de Inglaterra, bem como inúmeros episódios que envolvem D. Afonso Henriques (I: 176-181) e que permitem à viajante corrigir autores portugueses, nomeadamente crónicas medievais (I: 179-188) que cita longamente, tal como historiadores como Alexandre Herculano ou Charles Clément (I: 177), colocando a literatura a par da história no século em que ambas se ‘separam’ e o romance histórico se torna popular. A autora refere esse subgénero romancístico em Guimarães, pois as lendas associadas ao castelo dessa urbe “might furnish matter for a score of historical romances” (I: 198). A história de Portugal, especialmente a medieval, marca assim uma presença recorrente no *Journal*, surgindo sobretudo a propósito de monumentos e locais avistados ou visitados, suspendendo essas digressões culturais e históricas a mobilidade dos viajantes por vezes ao longo de 12 páginas (I: 176-188). A cultura dos ‘monumentos históricos’, nomeadamente na ficção, que funciona como estratégia de patrimonialização, chega a Portugal (a partir da Europa) no contexto das revoluções liberais, através de exilados como Garrett e Herculano que foram influenciados por românticos ingleses como WW e são mencionados por DWQ, que, ao tentar descrever o património e até a ‘identidade’ dos portugueses, é influenciada pelos escritos e políticas culturais desses autores locais e por publicações científicas da época e obras mais antigas, de cariz ‘antiquário’, como *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga*, de Contador Argote, que o *Journal* cita e comenta (I: 152).

²⁷ Sobre a peça *Álvaro Gonçalves, o Magriço e os Doze de Inglaterra: Drama Histórico Original*, de Jacinto Heliodoro Cordeiro (n. 1806) que actualiza um mito de cariz anglo-português, veja-se Puga (2014: 94-97).

O património funciona, no geral, como entretenimento (Taylor 1994), *locus* de nostalgia (Caton e Santos 2007: 371-386), fonte de conhecimento histórico e etnográfico (Tilley 1994) e permite experiências influenciadas pela nossa ideia (dinâmica) do passado, remetendo para a redescoberta e utilização de vários períodos (romano, medieval) no momento presente da escrita com fins políticos, culturais e financeiros (Graham, Ashworth e Tunbridge 2000), como o *Journal* ilustra. DWQ critica os políticos liberais pela pobreza e pela decadência do país (I: 197), mas caracteriza a população portuguesa como industriosa (I: 27), e essa característica é estrategicamente comprovada pelo vasto património histórico e cultural que descreve ao longo do diário. Por exemplo, ao comentar o Palácio Burnay, que claramente confunde com o Palácio da Bemposta, DWQ compara, por dissemelhança, o planeamento urbano e a jardinagem paisagística portugueses e ingleses que associa a práticas sociais como a *gossip* e o voyeurismo lusos (II: 10). A autora menciona ainda a introdução do *English landscape garden* (II: 34) em Portugal por Gerard de Visme (1726–1797) na Quinta Devisme, que era então residência da irmã de D. Miguel (1802-1866), a infanta D. Isabel (1801-1876), património histórico e cultural que espelha valores e hábitos (etnográficos) dos portugueses, não deixando de ser interessante as referências às relações anglo-portuguesas artísticas que enriqueceram a paisagem patrimonial portuguesa, por exemplo, também em Monserrate. Ao contrário do que DWQ afirma ao visitar esse palácio, não foi William Beckford (1760-1844) que mandou erguer o monumento e construir os jardins (II: 56), mas sim De Visme. No entanto, as duas estadas do famoso escritor inglês no palácio acabariam por ofuscar a obra arquitectónica e paisagística de De Visme, que a viajante menciona a propósito da já referida Quinta de São Domingos de Benfica.

Se Smith e Waterton (2009: 29) definem património como um constructo, “imagined as something old, beautiful, tangible and of relevance to the nation, selected by experts and *made to matter*”, DWQ não representa apenas o património que visita como uma experiência multissensorial (através de sons, sabores e aromas), mas interpreta-o e comenta-o, adicionando-lhe camadas de significados ideológicos, como acontece, por exemplo, nos inúmeros mosteiros em ruínas depois de serem expropriados à Igreja Católica, ou na sede do parlamento liberal em São Bento. Esses outrora edifícios religiosos são, na altura, património histórico e monumental, mas sobretudo edifícios públicos que albergam — enquanto museus, galerias, bibliotecas, arquivos e repositórios — artefactos artísticos e cultura (i)material, havendo, portanto um processo de *mise en abyme* no que diz respeito às diferentes formas de património, paisagens históricas e memórias culturais locais, regionais, nacionais e internacionais, se pensarmos na Guerra Peninsular inscrita na paisagens natural, rural

(pitoresca) e urbana portuguesas através de espaços de memória e de monumentos erguidos após o episódio bélico e referidos em guias de viagem portugueses como o que os Quillinan usam para visitar Lisboa, e que conseguimos identificar.²⁸ A leitura emotiva, científica e intertextual do património português por parte de DWQ é obviamente influenciada pela estética romântica que a autora inscreve no seu texto ao citar Robert Burns (I: 145) e o seu pai (I: 47, 151, 203) amiúde, a propósito de paisagens lusas, participando, assim, na construção do conhecimento britânico sobre Portugal.

Como revelam os cabeçalhos do *Journal*,²⁹ DWQ utiliza a memória e o património português para representar o passado e caracterizar o presente do país, inclusive a religião católica, as suas práticas, tradições (património imaterial) e episódios traumáticos, como a extinção das ordens religiosas e a expropriação dos seus bens pelo governo liberal, recordações que são convocadas no momento presente (Kattago 2019) da escrita por uma visitante inglesa anti-liberal, fenómeno que Kaplan (3) refere como *presentness of the past*. Como já referimos, os Quillinan visitam e textualizam Portugal no final do período de transição entre o Antigo Regime, que recordam com nostalgia, e o Liberalismo, que criticam. Assistimos, assim, a diversas temporalidades interligadas e até sobrepostas ao longo de diversos espaços que povoam a cronotópica narrativa. Tal como a escrita de viagens e a identidade nacional, também a memória e o património são constructos e *works in progress* que se interseccionam, como defendem os *critical heritage studies*. O *Journal* comprova que os relatos de viagem encerram em si uma carga ideológica, ou seja, uma cosmovisão filtrada pela classe social, pelo género, pela escolaridade, pela etnia, pelos interesses, pela religião, pelas simpatias políticas e pela idade de quem (pode viajar com tempo e) escreve. Se a memória social surge da intersecção das recordações públicas e privadas, DWQ descreve e (re)interpreta o património português num século em que os artefactos, acontecimentos e os monumentos comemorativos passam a ser consumidos na GB (Grenier e Mushal 2020) e transformados em *spectacular past* (Samuels 2004), como acontece, por exemplo, com as guerras napoleónicas,³⁰ nomeadamente a Guerra Peninsular. A memória social passa a ser cada vez

²⁸ A nossa investigação revela que o guia sobre Lisboa que DWQ utiliza é *Guia de Viajantes em Lisboa e suas Vizinhanças*, publicado no ano de 1845, na capital portuguesa, pela Tipografia de O. R. Ferreira.

²⁹ Os cabeçalhos do diário funcionam como resumos do conteúdo de cada página ou secção e revelam as temáticas e os tipos de património abordados por DWQ, a saber: monumentos; toponímia que veicula itinerários e identifica espaços visitados; comunidades; festividades; práticas sociais e costumes; vestuário; quotidiano (etnografia); clima; paisagens naturais e geológicas (fauna, flora, montes, rios, mar); acidentes marítimos; personalidades históricas; figuras-tipo e *outcasts*; ocupações; economia; agricultura; indústria; política; literatura; história; língua portuguesa; viajantes ingleses; religião; herança romana; académicos portugueses; Guerra Peninsular; produções artísticas; instituições nacionais; museus; obras de arte; comunidade e espaços britânicos; família real e lendas portuguesas.

³⁰ A construção da memória cultural está intimamente associada ao processo de formação da classe média inglesa e da massificação da *print culture*, nomeadamente da imprensa diária e das culturas popular e de

mais consumida pelo público, e o *Journal* ilustra esse fenómeno ao assumir-se como uma forma de DWQ cristalizar simultaneamente memórias pessoais coevas e colectivas históricas em paisagens lusas, como o Parlamento, o Cemitério Protestante de Lisboa, ou museus que ajudam a moldar a sua percepção do presente através do passado e funcionam como “[spaces and] communities of remembrance” (Hutton 2016: 67) que a viajante textualiza para actualizar a imagem e criar memórias (futuras) britânicas sobre Portugal. A autora sugere assim, que a memória colectiva (britânica sobre Portugal) não é estática, nem ideologicamente neutral (em termos políticos e religiosos), mas sim dinâmica, ao (re)interpretar “collected memories” (Brundage 2009) sobre o Portugal liberal com base em antigas narrativas britânicas, nos conhecimentos do seu marido e dos portugueses com quem interage e nas publicações científicas locais que se começavam a preocupar com a conservação do património histórico, como o diário ilustra.

3. Crítica à extinção das ordens religiosas e à secularização do património católico pelos liberais

A paisagem católica é veiculada por DWQ através da arte sacra, da arquitectura e de práticas e rituais religiosos como procissões, presépios, iluminação de igrejas, missas (I: 238-239) e o Carnaval associado à Quaresma (I: 238). O culto de relíquias e figuras e estátuas de santos era utilizado na *Protestant writing* (que DWQ também ecoa, embora de forma ténue) para caracterizar e demonizar o católico, o *definitional other* do protestante (Parker et al. 1982: 5) cujo património artístico, arquitectónico e imaterial era vasto e antigo, dos cânticos e música aos rituais testemunhados por DWQ e pelo seu marido católico.³¹ A dimensão religiosa da arte maioritariamente sacra que a autora aprecia em igrejas, depósitos e museus que albergam obras oriundas das centenas de conventos extintos é atenuada num diário para o público protestante. Com a extinção das ordens, o património artístico é descontextualizado e, do ponto de vista do crente católico, objectificado em depósitos e museus, onde DWQ os aprecia e critica as medidas anti-católicas dos liberais que

celebração, bem como do consumismo, do fortalecimento da identidade nacional e do império britânicos, a par de fenómenos sociais, económicos, culturais e políticos, como a migração do campo para a cidade e para as colónias e países europeus em larga escala e que deram lugar à criação de novas identidades individuais, corporativas e nacionais. A industrialização altera os sistemas de classes e de trabalho, e a nova tecnologia e os desenvolvimentos comerciais alteram o mundo do entretenimento e a cristalização de memórias (emotivas) pessoais e colectivas, da fotografia às *souvenirs* (Grenier e Mushal 2020: 5-6). Para uma crítica ao complexo conceito de memória colectiva (que não é tão colectiva/homogénea quanto achamos à partida, ao incluir uns membros e excluir outros), vejam-se, por exemplo, Klein (2000: 127–150) e Assmann (2010: 35-50).

³¹ Já em 1828, ao viajar com o pai e Samuel Taylor Coleridge pelos Países Baixos, pela Bélgica e pela Alemanha, a jovem Dora ouvira *soundscape*s católicas em igrejas que descreve (2021: 82), tal como Coleridge (2002: 5879), assistindo a missas. Sobre esse primeiro diário de viagem (ao estrangeiro) de DWQ, veja-se Puga (2024).

empoderaram o anti-clericalismo e até o vandalismo em conventos esvaziados e em ruínas, ou transformados em quintas (I: 197, 214). Seria também natural que católicos como o marido de DWQ, nascido no Porto, se tivessem afeiçoado a determinados conventos onde buscavam consolo e protecção e pensassem nos seus recheios artísticos como tesouros locais e regionais, parte da identidade de zonas, comunidades e espaços que visitavam como devotos e que agora eram meros edifícios públicos ou privatizados. Como já vimos, foram muitos os católicos que se insurgiram contra a extinção das ordens e o desaparecimento do património religioso das suas paróquias, criticando Herculano (1839: 51) e Garrett (1858: 218-219) quer o abandono prolongado de algum desse património (que nalguns antecedeu a extinção),³² quer a vandalização de alguns edifícios históricos ocupados.

A riqueza das instituições religiosas passa a constituir uma parte considerável dos bens nacionais, e alguns conventos mais afastados não são refuncionalizados e acabam por ser abandonados, como DWQ descreve no Porto e em Sevilha (II: 116-117), sendo muitas obras de arte destruídas e roubadas (Rodrigues 2017: 445). A maioria dos edifícios foi, no entanto, convertida, vendida e utilizada até hoje para fins públicos, sociais e militares, tendo D. Pedro IV (1798-1834) e D. Maria II (1819-1853) criado medidas para salvaguardar esse património histórico-artístico através de uma rede de depósitos³³ e da criação dos primeiros museus públicos de arte portugueses, como DWQ testemunha no Porto. Todas essas alterações de espaços dão origem a novas realidades e dinâmicas urbanas no Porto e em Lisboa (Silva 2013: s.p.), embora a viajante se detenha sobretudo em casos negativos após a extinção das ordens.

Se a autora, que escreve para um público maioritariamente protestante, censura a falta de gosto dos rituais católicos (I: 50), elogia a Igreja Católica e recusa-se a dar relevância a D. Pedro e a D. Maria II, a quem se refere com desdém (II: 8-9) e que critica fortemente e amiúde (II: 9, 13, 37),³⁴ por vezes com base em *gossip* de miguelistas (II: 74-76). Como já

³² Antes da extinção das ordens religiosas, algum património já fora destruído (pelo terramoto de 1755), saqueado por franceses e portugueses durante a guerra civil ou deixado ao abandono pelas próprias ordens.

³³ Por exemplo, o Depósito das Livrarias dos Extintos Conventos (1834), que se funde, em 1841, com a Biblioteca Nacional. Sobre a preservação do património por D. Pedro IV, veja-se Soares e Rodrigues (2011: 351-358).

³⁴ A conjuntura económica encontra-se aliada à política e à ideologia liberais, e a independência do Brasil (1822) põe termo aos rendimentos da colónia e força a burguesia e a nova aristocracia liberal a voltarem-se para as riquezas do clero e da nobreza (Rodrigues 2017: 64). Se DWQ ecoa a crítica conservadora e pró-miguelista, na senda de autores como o príncipe Felix von Lichnowsky (1845: 56) que, defende os interesses do Antigo Regime e critica D. Pedro e a extinção das ordens ao utilizar termos como “abominações”, “violenta”, “injusta”, “fanático”, “dictador absoluto” e “desordem”, outros autores, como Kingston (1845: 222), concordam com a extinção das ordens, e franceses liberais como Daniel de Saint-Antoine (1834: 36) associam D. Pedro, após a sua morte, à imortalidade e à liberdade implantada em Portugal, processos que a Europa mais conservadora via como ataques à Igreja e aos velhos interesses estabelecidos.

afirmámos, DWQ condena, várias vezes, a abolição das ordens religiosas de 1834 quer ao comentar o desrespeito pela dignidade dos frades e o seu desempoderamento (II: 25), quer ao criticar os supostos fundos públicos para comprar quintas para soldados apoiantes dos liberais (II: 13), quando, na verdade, se tratava dos salários por serviços prestados por militares. Por outro lado, DWQ, ao ‘memorializar’ o desaparecimento e a ausência das ordens religiosas, sugere que a decadência de inúmeros edifícios religiosos se deve à extinção, quando, na verdade, desde o século XVIII que os decrescentes rendimentos das ordens religiosas provocavam a degradação de alguns edifícios que o Terramoto de 1755, as invasões francesas e a guerra civil acentuam. Aliás, o convento de Santo António do Porto, onde é instalado o então Museu Portuense, que DWQ visita em 1845 (I: 226-227), estava em ruínas quando foi escolhido, em 1834, para albergar essa instituição, necessitando de obras urgentes (Rodrigues 2017: 131). Ao visitar as “Cortes”, no Palácio de São Bento, a autora refere-se negativamente ao edifício religioso que fora politizado (“Yet another convent, *perverted*”; II: 27) e que então representava o governo liberal, enfatizando o *Journal* ainda a carga simbólica dos espaços dos poderes políticos e religiosos no seu interior: “I observed the bench appropriated to the bishops was the last, consequently the most elevated, though the furthest from the President” (II: 28). Se a guerra, o protestantismo e o império moldaram a identidade da ‘comunidade imaginária’ britânica (Colley 1992; Koditscheck 2002: 389-398), os longos efeitos da Revolução Francesa, temidos e contrariados na GB desde 1789, são criticados por DWQ em Portugal, nomeadamente através do desdém demonstrando subtilmente pelos representantes da causa liberal e pela descrição de conventos “pervertidos” ao serem transformados na sede desse poder político. Se é verdade que a autora se afasta da escrita protestante vitoriana que faz equivaler catolicismo a opressão clerical e autocracias que apenas geram miséria e pobreza (Black 1985: 189), a imagem de Portugal no *Journal* não é tão positiva quanto alguns autores afirmam (Mónica 2020: 343: “doce relato”), sobretudo quando o prefácio do diário afirma que o texto pretende contradizer viajantes injustamente críticos, como Lord Byron (I: viii, xi). Os juízos de valor, as descrições e a apreciação negativa da arte sacra por parte da viajante contribuem para a formação da imagem da miséria artística e espiritual, da falta de gosto e da ignorância, a par de um atitude paternalista para com os fiéis católicos observados, por exemplo, no Santuário do Bom Jesus do Monte, em Braga (I: 113-114), descritos como incultos manipulados que não conseguiriam apreciar arte de qualidade (que talvez por essa razão não exista no local), pois apenas a fé acrítica move essa multidão, indo DWQ de encontro ao ‘horizonte de expectativas’ (Bloom 1973) do leitor protestante implícito ao longo do diário. A autora espelha o interesse coevo por temas da

história de arte e atesta a importância da Bíblia do Mosteiro de Belém e a dimensão artística desse livro-monumento numa nota final que passa despercebida a muitos leitores e que critica, de forma incisiva, o fraco cultivo das artes plásticas em Portugal (II: 246). Uma leitura atenta desse paratexto revela que a crítica ao estado pobre das artes no país serve para denegrir simultaneamente o governo liberal e a sua política cultural. A arte da GB é, portanto, considerada superior à de Portugal por viajantes, atitude que, já em 1814, um autor anónimo criticara no *Gentleman's Magazine* (anónimo 1814: 222), e que curiosamente a própria DWQ também ecoa ao criticar as mulheres da comunidade britânica do Porto: “too ready, as we English ever are, to find grievous faults with any person and thing out of our own country” (I: 27; veja-se também 233-236).

Relativamente a práticas religiosas, tendo em mente o leitor anglófono protestante, a autora auto-representa-se chocada com um ‘macabro’ costume que envolve cinco cadáveres de crianças pobres na Sé de Lisboa que parecem figuras de cera, imagem descodificada por EQ e que poderia ser utilizada num romance gótico ou de terror da altura:

Nor must I omit to note two dead infants which we saw carelessly laid on a sort of stone shelf or projection, behind the high altar. They were dressed neatly in white muslin caps, [...], as if just taken out of the cradle in their mother's cottage. I insisted upon it that they were wax children. Mr. —, who has been accustomed to such sights, assured me they were dead infants — “angels”, as they call them, [...] left there for burial [...]. The clasped hands of both—clasped and resting on the bosom—were so like wax hands! [...] [A] painful expression which might have convinced me the child had lived, and that it had died in a convulsive agony. On visiting the cathedral early the next morning, we saw in the same place [...] three more waxen-looking infants. [...]. These are children of poor people, who are allowed to leave them for Christian burial without charge. (II: 80-81).

A classe social também distingue mortos e os seus funerais, e DWQ observa, em dois dias consecutivos, diferentes cadáveres de bebés que foram retirados do berço, como pequenos anjos vestidos de branco, deixados na Sé para serem sepultados. Essas silenciosas figuras infantis são descritas noutros relatos de viagem femininos protestantes, como o de Baillie (1825 I: 202-204), que, ao contrário de DWQ, critica os padres que extorquem dinheiro aos pais empobrecidos para sepultar os bebés, dado omitido pelo *Journal* que condena sobretudo a extinção das ordens religiosas pelos liberais. Em 1854, também Lady Wortley (1854: 447) refere essa prática dos padres da Sé. Na GB, tal como já afirmámos, o catolicismo representava ainda “the primitive that Protestantism le[ft] behind” (Griffin 2004: 5), e, no norte de Portugal, DWQ recorre ao imaginário gótico quer para elogiar o bom gosto dos frades ao escolherem as localizações para erguer mosteiros e aí descansar (I: 217-218), quer ainda para descrever o tétrico velório de uma menina (“a bride for the worm”, I:83), a lucrativa exibição de cadáveres de crianças em Lisboa (II: 80-81), freiras “as blithe and talkative as caged parrots” (I: 115) que, por entre grades, oferecem maliciosas flores a

militares (I: 116-117), bem como o coração de D. Pedro guardado num sarcófago de prata na Igreja da Lapa (Porto) que é aberto no dia do aniversário do rei. A diarista aprecia a estatuária sacra, que em Inglaterra é associada à religião católica e que ela relaciona ao luxo proporcionado pelo império colonial português (“Portuguese coolness and *Oriental* richness of colouring and splendour”, II: 15-16), enquanto a visita à capela da Igreja de São Roque dá lugar a ecfásticas descrições de três quadros de tema religioso da autoria de Agostino Massucci e Mattia Moretti e dos azulejos que adornam as paredes (II: 17-18, 20). No entanto, e como este estudo demonstra, se a viajante confessa ser admiradora de arte sacra sente-se amiúde desapontada face à falta de qualidade das obras de arte que tenta apreciar em Portugal (I: 108), enquanto critica a extinção das ordens religiosas e a nacionalização do seu património arquitectónico e artístico.

4. A escrita de viagens ecfástica como crítica de arte (sacra): a museificação do património religioso

Na primeira metade do século XIX, aumentaram as oportunidades para o público britânico e europeu admirar obras de artes. Entre 1843 e 1855, a National Gallery duplicou o tamanho da sua colecção, e iniciativas como o concurso de decoração do novo Palácio de Westminster, em 1843, funcionaram como catalisadores de grandes exposições de arte pública e permitiram, como conclui Fraser (2014: 15), uma “explosão” do prazer visual. Essas alterações transformaram a relação do público com a arte e a forma de a (d)escrever, construindo uma cultura de exposição, como verificamos nas visitas de DWQ a museus, na senda de obras femininas como *Information and Directions for Travellers on the Continent* (1820), de Marian Starke, *Letters from the Shores of the Baltic* (1841), de Elizabeth Rigby, ou *A Handbook to the Public Galleries of Art in and near London* (1842), de Ana Jameson. Em Londres, anos antes da viagem a Portugal, DWQ visitara galerias de arte e outras “catedrais da modernidade urbana” (Lorente 2018) e demonstrara, como Sara Coleridge informa EQ, “some affection for pictures” (WLMS A/Coleridge, Sara/39), não sendo, portanto, de estranhar que a viajante procure museus de arte e arte sacra em igrejas lusas.

A museificação do passado marca presença no *Journal* e confere a DWQ os estatutos de consumidora-apreciadora de arte (sacra) e de curadora ao escolher que obras comenta e demonstrar que as colecções e reservas de museus e igrejas servem também de repositório de memórias culturais, histórias e políticas locais e nacionais que são apreciadas pelo público visitante e influenciam quer a narrativa sobre o passado e a sua memorialização, quer a forma como esse tempo pretérito se projecta no presente e é (re)visitado e narrado (Boswell e Evans

1999; Abt 2006: 130–132; Mackenzie 2009). Os Quillinan visitam Portugal noventa anos após o Terramoto de 1755 e, como veremos, existiam ainda ruínas resultantes dessa catástrofe natural que destruiu e danificou uma parte substancial do património português, como as ruínas do Convento do Carmo ainda hoje comprovam. Tal como os relatos de viagem, os museus oitocentistas apresentam-se como narrativas hegemónicas fruto de curadoria cuidadosa que ajudam a construir e a fortalecer a chamada identidade regional e nacional (Grenier 2005). O *Journal* espelha o e participa no processo de reforço da memorialização (ou patrimonialização)³⁵ da ‘herança’ histórica nacional portuguesa na GB, nomeadamente de espaços celebrativos³⁶ associados às guerras liberais e à Guerra Peninsular, demonstrando que os objectos patrimoniais estão associados a práticas e experiências humanas, e o património não é propriamente história, mas sim a sua reavistação celebratória a partir do presente (Lowenthal 1998: x), por vezes pautada por objectivos ideológicos.

Atentemos no estado de conservação do património e dos espaços históricos visitados pelos Quillinan. Após a extinção das ordens religiosas, o Grande Depósito (no Convento) de S. Francisco da Cidade tornou-se o maior ‘armazém’ de arte de Lisboa, de onde se distribuíram livros e obras de arte para outros depósitos descentralizados, bibliotecas e museus públicos. Esse Depósito, visitado por DWQ, classificava e guardava espólios de bibliotecas e cartórios, mais de 6.000 pinturas³⁷ e outras preciosidades literárias, científicas e artísticas, albergando também, desde 1837, a Biblioteca Nacional, cujos 100.000 livros e manuscritos, muitos dos quais vindos de conventos, DWQ refere (II: 25). Mais uma vez, essa antiga posse é comentada com ‘melancolia’ devido ao tratamento cruel dos frades e das suas antigas posses durante e após a extinção. Se a lista dos quadros que representam frades feita por DWQ parece neutral e objectiva numa primeira leitura, o comentário a que dá lugar torna-a um estratégico meio para atingir um fim, manifestar a compaixão pelos frades ‘desempoderados’ pelos liberais. Essa lista, que à partida, parece servir a estética da brevidade, ao condensar informação, serve a retórica da extensão, ao amplificar (Goulet 2009: 66-79) os temas em torno dos artefactos enumerados e as suas implicações para invocar outras temáticas ideológicas. Já a Galeria Nacional de Pintura, que é fruto também da nacionalização

³⁵ De acordo com Amougou (2004), a patrimonialização é um processo social, político, cultural e até económico (Ashworth, Graham e Tunbridge 2007) local, nacional ou mundial através do qual agentes sociais e culturais conferem, a um objeto, espaço, local ou a uma prática etnográfica e cultural, um conjunto de propriedades e valor que são transmitidos à e partilhados pela comunidade através do mecanismo de institucionalização e de preservação. Também Carman (2002: 22) defende que o património nasce de um processo de categorização e de atribuição de valor patrimonial.

³⁶ DWQ refere o local onde D. Pedro desembarcou a 8 de Julho de 1832 (Desembarque do Mindelo, Praia da Memória) e inscreve também a história de Portugal na paisagem natural ao referir monumentos alusivos a efemérides nacionais: “where a pillar is erected to commemorate the fact” (I: 21).

³⁷ Para um inventário das pinturas aí depositadas em 1834, veja-se Rodrigues (2017: 277-308).

de arte sacra, contém, de acordo com DWQ, poucas obras de interesse, sendo os museus portugueses, enquanto espaços de memória e de contemplação estética, descritos de forma negativa, como veremos. O *Journal* refere os inúmeros quadros pendurados em cordas através de roldanas para evitar que tivessem de ser empilhados nos corredores da Galeria, sistema de preservação, observação e catalogação de obras de arte que um texto do então bibliotecário-mor José Feliciano de Castilho (Barreto e Noronha) também descreve.³⁸ Apesar de a Galeria Nacional de Pintura (da Academia das Belas-Artes) só abrir as suas portas em 1868, as obras eram apreciadas por viajantes no Convento, e, numa pequena mas significativa nota final sobre a Galeria, DWQ comenta outros quadros e critica quer a conservação das telas sem molduras e enroladas e a insuficiente luz que não permite apreciar as obras de arte, quer a curadoria do escultor e professor Francisco de Assis Rodrigues (1801-1877), então director da Academia de Belas-Artes: “Senhor Assis, the sculptor of several statues in the Ajuda Palace, was the director of this part of the establishment; and he may, perhaps, by this time, have contrived to put his gallery in order” (II: 245). O *Journal* adquire um carácter interventivo, no entanto, a consulta de fontes portuguesas coevas revela que Assis tentara melhorar as condições da galeria³⁹ ainda antes da visita dos Quillinan. O interesse de DWQ pela preservação e organização do (conhecimento sobre o) património, incluindo o museificado, ecoa a descritiva poesia romântica, como revela o seu comentário curatorial quando procura informação e legendas que estruturam a exposição aos olhos de uma visitante estrangeira, recordando-nos que as “poetic meditations [of the Romantic period] on landscapes, ruins, journeys and recollections prove rhetorically and ideologically homologous with varied responses in and to the national museum” (Gidal 2001: 20; *vide* Peacocke 2015: 4). Se a literatura romântica prestava atenção demorada a obras de arte em exposição (Peacocke: 10) do ponto de vista do visitante de museus e igrejas, as enumerações e descrições de obras de arte no *Journal* enfatizam quer o ‘museum effect’⁴⁰, ou o pensamento museológico da época, quer a noção de apreciar arte (de forma emotiva e informada) como

³⁸ Castilho (1844: 93): “faltava-me espaço para [...] guardar tão consideravel quantidade de quadros, alguns dos quaes de enormes dimensões: mas [...] dispuz, ao centro dos longos corredores do extincto convento de S. Francisco, no andar superior, uma serie de roldanas e cordas, por meio das quaes, e de uma particular disposição, pude, com insignificante dispendio, formar, sem estôrvo do serviço, uma extensa galeria, onde os paineis ficarão conservados [...], e poderão [...] ser examinados, sem necessidade de deslocação, o que hoje se não dava, pois para procurar um, era necessario revolver todos, augmentando, com estes continuos movimentos, a deterioração a que emfim puz um termo” (itálicos nossos).

³⁹ Veja-se o ofício (Maio 1845) enviado ao Visconde de Telheiras, Ministério do Reino, a pedir quer que se encontrasse uma sala apropriada para a colecção de obras de arte, quer, com sucesso, que se restaurasse imediatamente a sala temporária, medidas vitais que dependiam unicamente de financiamento do governo (vide ANTT, *Intendência das Obras Públicas*, Livro 70 fls.76-77 e Livro 73, fl. 96).

⁴⁰ Alpers (1991: 31) define o *museum effect* como uma forma particular de observar o conteúdo do museu do ponto de vista quer do visitante, quer da própria instituição (curadoria). Sobre escrita de viagens e (descrições de) museus, veja-se Brigola (2010).

uma prática social (Bermingham 2005), associando a cultura visual católica à identidade nacional portuguesa. O diário faz eco do “romantismo patrimonial” (Rodrigues 2017: 30, n. 5) e aborda, em momentos diferentes, várias etapas e vertentes desse processo em Portugal, a extinção e encerramento dos conventos, a conservação (ou não) dos edifícios e do seu recheio em depósitos e a fundação de museus como o Museu Portuense, comentando a situação dos religiosos após a referida extinção, como ainda veremos. Por exemplo, durante a visita à Casa da Moeda, então utilizada como depósito de obras de arte, DWQ e o seu leitor acabam por testemunhar as políticas liberais de conservação e distribuição de património *in progress*, tarefa que é essencial e que duraria, no caso de algumas peças, até ao início do século XX, exigindo a adaptação de sucessivas políticas de salvaguarda.

Um ano após a extinção das ordens religiosas é iniciado o restauro das mais importantes obras nacionalizadas, entre as quais os quadros do já apreciado Grão Vasco (c.1475-1542), devido à sua qualidade, ao gosto pela pintura dos séculos XVI e XVII e ao reconhecimento internacional por parte de autores como o conde Raczyński⁴¹ e, na sua senda, DWQ (I: 227).⁴² No século XIX, o pintor passa a ser um símbolo nacional referido em relatos de viagem quase como o único pintor português digno de menção, ignorando-se, por exemplo, a obra de Josefa de Óbidos (1630-1684). De facto, a “estética nacionalista” valoriza essencialmente a pintura histórica quinhentista e seiscentista que remetia para episódios históricos considerados gloriosos (Rodrigues 2017: 497). A pintura é “colocada no topo hierárquico das belas-artes [... também] pela sua capacidade de transmitir informações acerca do passado” (Soares 2014a: 11), e o *Journal* espelha essa predileção, demonstrando também a intertextualidade e a interdisciplinaridade que caracterizam a escrita de viagens ecfrástica e a influência que os autores-viajantes exercem uns nos outros ao (d)escrever patrimónios nacionais (i)materiais.

5. Antiquarianism e património imaterial: estudos científicos, literatura e manuscritos

À semelhança do que se passava no resto da Europa, a importância e o poder da *print culture*, especialmente de jornais e revistas literárias, também crescia em Portugal, e DWQ cita a *Revista Literária* (Porto, 1838-1844) ao recorrer à maior profundidade de artigos de

⁴¹ Para o conservador príncipe Lichnowsky (1814-1848), Grão Vasco é “o unico pintor portuguez digno de menção”. Tal como DWQ, o príncipe descreve as instalações e obras de arte com pouca qualidade do Museu Portuense (Lichnowsky: 118), espaço de que nos ocuparemos mais adiante.

⁴² Ao visitar a sacristia da Misericórdia do Porto, na Rua das Flores (I: 227-228), DWQ faz eco de uma discussão coeva sobre a autoria do quadro *Fons Vitae* (que descreve) e que há muito sabemos ser, não de Grão Vasco, mas de Colijn de Coter (1450-1540).

periódicos de cariz científico para analisar paisagens patrimoniais e temas da história portuguesa, tornando-se essas investigações lusas intertextos do *Journal* (I: 138, 152), como acontece a propósito dos miliários das Carvalheiras⁴³ e de descrições literárias do Gerês. Para descrever o Gerês, DWQ ‘plagia’ um artigo de viagem que o seu já referido cunhado publicara na revista *The Lusitanian*, sendo, portanto, curiosa a referência da autora (I: 152) a uma partida que alguém ‘pregara’ ao editor da *Revista Literária*, ao enviar-lhe três artigos com descrições anónimas do Gerês que são publicados no vol. 8 (1842)⁴⁴ e que a autora concluíra serem plágios da obra de Argote (1728-1747). O autor da brincadeira recorre ao *topos* e à estratégia do manuscrito perdido e encontrado das ficções gótica e histórica românticas inglesas, nomeadamente em *Castle of Otranto* (1764), de Horace Walpole, e *Waverley* (1814), de Walter Scott (Russett e Dane 2002: 141-165; Russett 2006), e reforça o efeito do real ao indicar que os textos eram “put forth as the copy of an anonymous, original manuscript supposed to have been written, about a century ago, and preserved in the Royal Archives of the Torre do Tombo at Lisbon, numbered 41”. No entanto, a arguta e informada autora (que plagia o cunhado) conclui (no fundo, humoristicamente) que já os lera publicados: “[e]agerly did I turn to the perusal of these papers after such an announcement, and I soon perceived that I had read tem all in Argote (whose first volume was printed in 1728, and the last in 1747)”, ou seja, DWQ exhibe o seu conhecimento de *antiquarian* ao denunciar o embuste⁴⁵ que também utiliza na sua obra ao apropriar-se de textos do cunhado. Este estratégico exercício de *mise-en-abyme* sobre plágio poderá ser um original piscar de olho ao futuro leitor que descubra que DWQ simulou, através do plágio, a viagem pelo Minho e pelo Gerês.

Como sabemos, os *antiquarians* do século XVIII e, mais tarde, os primeiros historiadores de arte colecionavam e apreciavam relíquias históricas, manuscritos e ilustrações e competiam para publicar imagens inéditas de artefactos recentemente encontrados. Em 1795 já, por exemplo, o arquitecto James Murphy (1795: 298-302) referira e desenhara “fragments of Roman antiquities” encontrados no Alentejo, e essas ilustrações fazem parte da *Victorian visual imagination* (Christ e Jordan 1995) implícita no texto de DWQ,

⁴³ Para um estudo oitocentista sobre as vias romanas da Calécia bracarense, veja-se Capela (1895: 255-260); consulte-se também o catálogo mais recente de Colmenero, Sierra e Asorey (2004).

⁴⁴ Os três artigos que DWQ refere são, na verdade, dois: “Caminho da Geira. Estrada Militar do Gerês” (1842: 360-372), que contém transcrições das inscrições dos miliários romanos do Gerês e que é continuado noutras duas secções intituladas “Estrada da Geira” (469-497 e 505-512, com o título “Antiguidades” no topo da página), e o artigo “Antiguidades: Que Comprehende a Geira, com Cousas muito Notaveis, e Descreve-se o Gerez, e tudo o mais que nelle Ha” (513-522).

⁴⁵ DWQ (I: 152): “I therefore doubt whether any such MS. be among the Torre do Tombo papers. At all events, any impudent hoax, I suppose, have been played upon the editor of the Oporto “Literary Review””.

que cita estudos de proto-arqueólogos (amadores) portugueses,⁴⁶ nomeadamente Diogo Kopke (1808-1844) (I: 138-139), que, após as suas descobertas de locais a escavar instituem novos “locais de memória” (Nora 1984 I: vii-xlii) no imaginário colectivo. No que diz respeito à consciência e identidade históricas e religiosas, a defesa da Igreja Católica e o ataque aos políticos liberais portugueses no *Journal* ilustra as divisões e ideologias políticas distintas que dão lugar a representações e leituras antitéticas da realidade percebida, bem como a representações literárias (Rigney 1990) de diferentes ‘comunidades mnemónicas’ no seio de uma só comunidade nacional (Leerssen 2013: 113-114) que nunca é totalmente hegemónica. Como Leerssen (2013: 114) conclui, essas comunidades mnemónicas vitorianas que escrevem (classes média e alta) migram mundo fora, tal como os mitos nacionais que DWQ refere, ilustrando como circula a memória cultural e de que forma determinados mitos, ideais e palavras-conceitos (constructos), como a mitificada ‘saudade’ na correspondência de DWQ e de EQ, viajam de uma comunidade cultural para outras, como veremos mais adiante.

Se, em Barcelos, a narradora informa que não pretende abordar a “history and antiquities” da cidade e remete o “curious reader” para “Father Poyares’s ‘panegyric’⁴⁷ on this old place” (I: 53) e para Rafael Bluteau, em Lisboa, no antigo Convento de São Francisco,⁴⁸ os Quillinan apreciam vários artefactos e património literário que DWQ lista e comenta, nomeadamente manuscritos do Mosteiro de Alcobaça,⁴⁹ bíblias e crónicas antigas, uma “curiosa” (II: 25, nossa tradução) gravura de Lisboa rodeada por um exército, uma segunda edição de *Os Lusíadas*, o *Cancioneiro* de Garcia de Resende, inúmeros retratos de monges, bispos e benfeitores de conventos, obras que são conservadas pelos liberais como ‘monumentos’ (Barata 2003). Ao referir e citar esses documentos e objectos, a diarista auto-representa-se como herdeira do *antiquarianism* iluminista, a apreciar castelos e palácios mouriscos, ruínas romanas, vestígios de culturas e formas de vida que desapareceram, mas persistem textualizadas em manuscritos, fontes históricas e obras literárias que ‘moldam’ identidades regionais e nacionais.

⁴⁶ Tal como muitas outras autoras no século XIX, DWQ cita e comenta textos científicos portugueses, museus e restauros, nomeadamente artigos de arqueólogos para reclamar e estabelecer a sua ‘vocação científica’ (Harper 2001) como viajante investigadora.

⁴⁷ Referência ao *Tratado Panegírico em Louvor da Vila de Barcelos* (1672), de Frei Pedro de Poiães.

⁴⁸ O Convento de São Francisco, fundado em 1217, albergava, desde 1836, a Biblioteca Nacional, a Academia de Belas-Artes (actual Faculdade de Belas-Artes) e a Galeria Nacional de Pintura, que, em 1911, dá origem ao Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC).

⁴⁹ A maior parte da livraria e das pinturas do Mosteiro de Alcobaça chegara ao Convento de São Francisco em Agosto de 1835 (Rodrigues 2017: 524).

DWQ informa também o leitor que a Torre da Tombo esteve num outro espaço histórico, a torre do Castelo de São Jorge, “which fell in the earthquake”⁵⁰ (II: 77), transformando a destruição de património pelo famoso cataclismo natural num tema do diário, a par da preservação de vários tipos de documentos que enumera, rumo às origens do país.⁵¹ O edifício convoca quer a imagem de Robert Southey a investigar para redigir a sua futura *History of Portugal* (II: 77-78), projecto nunca terminado, quer também a *História de Portugal* de Alexandre Herculano, autor que DWQ critica e caracteriza como anti-inglês (II: 76), concluindo que se a história de Portugal é a mais romântica das histórias europeias, a que Southey planeava publicar seria bem-vinda e a de Herculano seria um ‘mal menor’ por (supostamente) não existir outra. Curiosamente, já após a morte de DWQ, EQ começaria, no final da sua vida, a traduzir essa *História* de Herculano, projecto que não chega a terminar.⁵² O comentário de DWQ remete, aliás, para o já referido *scientific trend* acentuado pelo surgimento de várias ciências sociais e humanas no século XIX, pois se é verdade que, por exemplo, a cronística medieval e as histórias redigidas pelos monges de Alcobaça nos séculos XVII e XVIII podem ser consideradas histórias de Portugal, os critérios científicos que regem a historiografia mudam significativamente com o trabalho desenvolvido por Herculano. A viajante aprecia também o património imaterial. Ao longo de Portugal, fortalezas e outros edifícios invocam a Guerra Peninsular, lendas milenares (I:84, 122, 142; II: 62) e histórias de localidades como Monção (I: 89-90) e de edificações visitadas (I: 94, 120) que incluem mitos locais (I: 90). Muita dessa informação específica seria irrelevante para a maioria dos leitores anglófonos, como DWQ reconhece (I: 133-134), e Sarah Coleridge insinua-o e identifica EQ como o autor das secções mais ‘entediantes’ do *Journal* (“Quillinan bits”) ao afirmar que prefere e aprecia as “Dorian’ parts” (Waldegrave 2014: 315).

Como veremos mais adiante, a utilização de termos como saudade e de mitos como o dos Doze de Inglaterra e o representado na Sala das Pegas no Palácio de Sintra remete para um vasto património cultural partilhado por Portugal e a GB e para episódios históricos, nomeadamente bélicos, como a Guerra Peninsular. DWQ descreve obras de arte, paisagens

⁵⁰ Como é sabido, o Arquivo da Torre do Tombo esteve, desde 1378, na Torre Albarrã do Castelo de São Jorge, destruída durante o terramoto de 1757.

⁵¹ DWQ (II: 77): “[h]ere are preserved original state papers, laws, charters, grants, and an immense collection of rolls and records, some of them dating from the commencement of the monarchy”.

⁵² Em 1851, Christopher Wordsworth (1851, vol. 2: 381) referiria, em *Memoirs of William Wordsworth*, quer a *History of Portugal* que Southey não terminara (e que DWQ utiliza para criticar Herculano), quer a tradução que EQ viria a tentar fazer de alguns volumes já publicados por Herculano, como se tentasse contradizer a crítica de DWQ e fazer justiça ao trabalho do historiador português a propósito de quem também refere RS: “Mr. Quillinan [...] is at present engaged on a Translation of the History of Portugal, by Sr. Herculano, Librarian to the King. This work, of which only three or four volumes are yet published, is so elaborately and ably written by the Portuguese author as to lessen regret for the non-accomplishment of Mr. Southey’s long-meditated work on the same subject” (C. Wordsworth 381).

naturais e patrimoniais, bem como artefactos portugueses associados à Guerra Peninsular (I: 66).⁵³ A imaginação poética da autora transporta o leitor para esse momento de tensão que funde as histórias locais, nacionais e mundiais nas paisagens ecológica e patrimonial portuguesas⁵⁴ que haviam já sido ficcionadas por EQ no romance *The Sisters of Douro* (vol. 1 de *The Conspirators, or The Romance of Military Life*, 1841), que se torna um intertexto do *Journal*. A nossa comparação entre essa narrativa e o *Journal* permite-nos concluir que a longa descrição de DWQ entre Salamonde e as pontes Nova e de Mizarela (I: 166-171) é copiada, entre aspas, desse romance do marido (Quillinan 1841: 23-28) que participara na Guerra Peninsular, sem que esse texto-fonte seja identificado, ou seja, a autora recorre ao património literário e imaterial para (co-)descrever o património português que nele está representado. Os espaços em que a Guerra Peninsular teve lugar celebram a heroicidade transnacional e funcionam como “material culture of grief” (Doss 2002) na cidade do Porto, cuja cultura material e visual alude ao conflito, por exemplo quando DWQ descreve o espaço histórico da Ribeira onde observa o “curious specimen of historical painting meant to represent the merciless doings of the French on Soult’s entry into Oporto, in March 1829 [*sic.*]”.⁵⁵ As centenas de pessoas que morreram a fugir do exército de Soult (“Alminhas da Ponte”) fazem parte da história local e do património imaterial da cidade⁵⁶ que é ainda hoje materializado no baixo-relevo em bronze do escultor Teixeira Lopes, pai, colocado, na Ribeira, em 1897, para substituir a dramática pintura que a diarista refere e que se trata do quadro histórico que se encontra actualmente na Capela de S. José das Taipas, concluída em 1878. O facto de terem sido tropas britânicas a ajudar a libertar o Porto, decerto faria com que o episódio perdurasse na memória da comunidade britânica e agradasse ao leitor implícito do *Journal*.

DWQ refere vários autores portugueses, por exemplo, Gil Vicente (I: 123-124), Camões (I: 125-129; I: 193-196) e Herculano, cujas obras o seu marido EQ traduz ou estuda em periódicos ingleses, sendo, portanto, a voz e a opinião de EQ inseridas no relato de forma subtil. O *Journal* remete para o papel e o uso dos autores clássicos portugueses e espanhóis

⁵³ Para um estudo sobre relatos britânicos acerca da Guerra Peninsular, veja-se Terenas (2000).

⁵⁴ DWQ (I: 168) descreve a ‘ponte de Soult’: “How different was it on that dismal night of storm and rain, when Soult and his thousands were hurrying over it, while the floods were out [...] the English cannon [...] the echoes must have made it seem twenty) thundering upon them”.

⁵⁵ Trata-se claramente de uma gralha, pois o episódio histórico da Ponte das Barcas deu-se, como sabemos, em 29 de Março de 1809.

⁵⁶ Logo após a expulsão dos franceses do Porto, em Maio de 1809, ou seja, dois meses depois da tragédia, a população da zona ribeirinha mandou levantar um pequeno altar para homenagear as centenas de mortos, “transformando esse sítio em autêntico lugar de culto popular pelo sufrágio das alminhas do purgatório” (Tedim 2014: 277). Na Rotunda da Boavista (Praça de Mouzinho de Albuquerque) foi erguida um monumento dedicados aos mártires da Guerra Peninsular da autoria do arquitecto Marques da Silva e do escultor Alves de Sousa, iniciado em 1909, mas apenas inaugurado em 1951. Em 2009, ao assinalar os 200 anos da tragédia, foi também inaugurada, no Porto, uma escultura do arquitecto Souto Mouta alusiva ao episódio histórico.

no Romantismo inglês (Haywood e Saglia 2017), nomeadamente Camões, fenómeno que também pode ser explicado pela francofobia britânica do pós-Guerra Peninsular que terá despertado a atenção de alguns autores ingleses para culturas e tradições literárias que não a francesa, nomeadamente as ibéricas, como aconteceu, por exemplo, com Robert Southey e agentes culturais como Lord Holland (García 2021: 6). Temas literários, mitos, lendas e símbolos nacionais ibéricos, enquanto património imaterial, marcam, assim, também presença no diário, como continuaremos a ver de seguida.

As línguas, as artes performativas, as práticas sociais, o artesanato, a literatura, as tradições orais, lendas e símbolos (inter)nacionais constituem aquilo que a UNESCO designa de património imaterial, com o qual DWQ tem contacto ao longo da Península Ibérica. No Palácio da Vila de Sintra, a diarista visita várias salas cujos elementos decorativos dão lugar a écfrases que associam esses espaços a lendas e a figuras e episódios históricos, caracterizando a autora o monumento como “a mine of sad history” (II: 56). Será sobretudo a Sala das Pegas (II: 46), devido à lenda que envolve D. João I e D. Filipa de Lencastre, a prender a atenção da viajante que adopta essa história nacional através quer do desenho que ilustra o frontispício do seu relato (fig. 1), quer do resumo da lenda e do mote “Por Bem” que é repetido estrategicamente no *incipit* do relato e que o casal Quillinan reclama como seu, apropriando-se de património imaterial português para se auto-descrever. O frontispício do relato assume-se como um elemento paratextual intermedial, na medida em que reproduz uma das pegas da referida Sala de Sintra e remete para a materialidade e dimensão visual do livro que divulga simultaneamente os patrimónios material e imaterial portugueses:

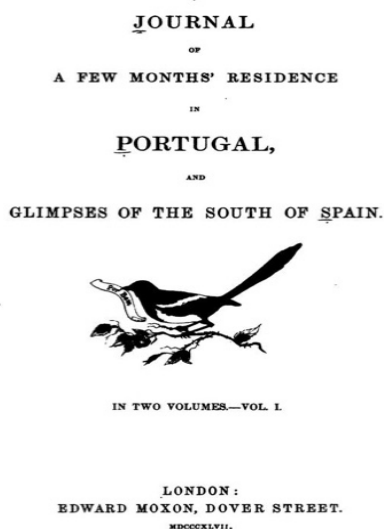


Fig. 1: frontispício do *Journal* (1847).

A lenda medieval de cariz anglo-português que DWQ resume funciona como senha para o casal que se compara ao histórico real casal anglo-português e veicula sentimentos, valores e

património associados a Portugal e à autobiografia da autora. O português assume-se como a língua romântica dos Quillinan que DWQ inclusive aprende no Porto, chegando a traduzir sonetos do pai, em Janeiro de 1846,⁵⁷ transferindo textos e temas literários ingleses para o norte de Portugal.

O termo ‘saudade’ funcionara como senha para DWQ e EQ antes de casarem. Em 29 de Novembro de 1834, numa carta enviada à amada do Porto, EQ transmite-lhe que sofre por ter saudades dela e explica-lhe que o termo significa “tenderness, sorrow, solicitude, longing, and every kind and melancholy thought and wish, all blended into one feeling [...] How I wish you could be here” (WLL/Quillinan, Edward/1/53; Jones 1998: 284). O casal passaria a usar a palavra como senha de um código amoroso. Em 8 de Abril de 1835, ainda no Porto, EQ envia a DWQ a sua tradução (“The Flowers Saudade”) do poema “A Flor Saudade” (1814), de Domingos Borges de Barros (WLL/Quillinan, Edward/1/55). DWQ estava, portanto, familiarizada com o termo e, a 1 de Junho, afirma, numa carta que envia a EQ (ainda no Porto), que o seu pai poderia escrever um poema sobre esse sentimento nas suas projectadas “Morning Voluntaries” (Curtis 1999: 262-263) e se oferecera para comentar a tradução que EQ fizera do poema de Borges de Barros (WLL/Wordsworth, Dora/1/64; Beal 2009: 215). Em 24 de Dezembro de 1837, EQ escreve a DWQ e volta a confessar-lhe o seu amor e a usar o referido termo, que é, aliás, comum na poesia lusa: “My love for you Dora is not only a man’s love but (breath it not Ascalon!) a poet’s love [...]. Saudades” (WLL/Quillinan, Edward/1/74; Waldegrave 2014: 203), recordando, mais uma vez, que o termo significa “longing, yearning, missing, nostalgia”. Em 21 de Março de 1838, EQ afirma, ao responder a uma missiva de DWQ: “it is just what I have always felt in writing to you [...] Saudades [...], a sign and symbol between you and me” (WLL/Quillinan, Edward/1/78; Waldegrave: 205). Em 6 de Abril desse ano, EQ oferece um anel à sua noiva (Edward Quillinan, “Diary”, WLMS EQD 13/4/2; Beal: 248) e redige o poema “The Two Rings”, sobre os dois anéis que lhe oferecera, um contendo cabelo seu, e ambos gravados, um com uma borboleta e o outro com a palavra ‘saudade’. Esse termo é, portanto, definido como um sentimento humano universal, utilizada como senha e até gravada num dos anéis que EQ, nascido em Portugal, ofereceu a DWQ, como prova do seu amor e do namoro anglo-português, não sendo, portanto, de estranhar que a pega que recorda D. João I e Dona Filipa de Lencastre receba o leitor e abra, no frontispício, o relato da viagem do casal Quillinan.

6. Restaurar e conservar ruínas enquanto herança(s) do passado

⁵⁷ Veja-se WLL/Wordsworth, Dora/2/25.

A conhecida admiração romântica por ruínas espelha a preocupação oitocentista pelo restauro⁵⁸ e pela conservação do património que DWQ ecoa ao referir, perante ruínas lusas, quer a destrutiva “rougher hand of modern demolition” (I: 123), quer, por exemplo, o cuidado com a preservação dos marcos miliários romanos em Rubiães, nas imediações de Braga (I: 109), bem como outras intervenções que referimos neste capítulo.

O referido colectivo de marcos romanos tornara-se, à data da visita dos Quillinan, uma atracção regional e funciona como legado do passado que perdura e é valorizado por quem escreve e lê o relato e se familiariza com o património português. Como recorda Mantas (2012: 139), os miliários indicavam distâncias, mas eram um elemento da paisagem humanizada e da “ideologia [e] da grandeza do Estado romano [...] e as epígrafes que ostentavam contribuíam para a difusão de valores culturais característicos da civilização romana”. É natural que DWQ se ocupe desses monumentos e das suas inscrições como fontes históricas, pois dos 400 marcos que existem em Portugal, a maioria está concentrada a norte do Douro (Mantas: 140-141). Tal como Hobhouse transcrevera, na companhia de Lord Byron, uma inscrição latina no Convento da Cortiça, em Sintra (Hobhouse 1809: 5), também DWQ ‘copia’ uma das inscrições num dos marcos do Largo das Carvalheiras (I: 135) e adensa o cariz científico do seu *Journal*, estratégia que era já comum na escrita de viagens inglesa. A viajante analisa longamente a transcrição e as suas dificuldades (I: 136) e, tal como noutras entradas do diário, através da sua investigação prévia, tenta ‘fazer sentido’ de escritos e de ruínas, respondendo ao fascínio do público pela arqueologia e por outras ciências sociais. A autora junta-se a “historians, chronologists, medallists, or antiquaries” e conclui, enquanto enfatiza o seu pioneirismo feminino: “[w]ith a woman’s logic, by guess, I should have concluded that [...]. But such an easy solution seems inapplicable to the doubt” (I: 136), contribuindo, de forma informada, para a discussão de problemáticas como a numeração das inscrições de Braga, de Bertiolos e de Valmaseda, na Biscaia (I: 137), para, no final da demorada análise dessas narrativas breves, se apresentar humildemente como “an unlearned writer” que contempla essa informação no relato simultaneamente para “unlearned readers” e para o “antiquary” (I: 140), desculpando-se estrategicamente por se aventurar a comentar assuntos masculinos. Os conhecimentos profundos de DWQ sobre a cultura, a história e o património portugueses permitem-lhe assumir-se, ao longo de um

⁵⁸ Sobre o movimento de restauro de monumentos medievais no século XIX em Portugal, veja-se Rosas (1995) e Alves (2009: 18-22), e acerca do surgimento da ideia moderna de monumento histórico em Portugal, consulte-se Lima (2013: 124-125), que explica que o termo-conceito de ‘monumento histórico’ surge por volta de 1773 e se generaliza no discurso público após o terramoto.

interessante processo de *self-fashioning*, como uma autoridade pública relativamente a essas memórias e identidade nacionais.

Em Lisboa, o efeito cénico das ruínas do Convento do Carmo marca a descrição desse ‘melancólico’ espaço, onde DWQ, filha de poeta romântico, se regozija, de forma lírica, ao julgar (erradamente) que o edifício não fora alvo de qualquer restauro/reconstrução.⁵⁹ O Convento, ao contrário do que DWQ afirma, e apesar do seu aspecto, começou a ser ‘restaurado’ imediatamente após o terramoto de 1755 pelos carmelitas que recorrem a um estilo neogótico para evidenciar quer a antiguidade do edifício, quer o fundador, Nuno Álvares Pereira, e não a outros estilos coevos, como o barroco, ou o neoclássico (Pereira 1989: 110; Lima 2013: 145), como aconteceu noutras igrejas da capital. No entanto, as debilidades da teoria arquitectónica portuguesa coeva e o desconhecimento do estilo gótico levam a que o resultado seja um “pseudo-gótico” (Pereira 1989: 110-111), um “‘neogoticismo’ de molduras, janelas e capitéis inteiramente fantasistas” (Gomes 1986: 235; *vide* também Pereira 1989: 87-112; Anacleto 1997: 105). A estética gótica, tão em voga há tanto tempo em Inglaterra,⁶⁰ agrada a DWQ que pressupõe que as monumentais ruínas não tinham sido alteradas e, em Sintra, comenta também o restauro do castelo dos Mouros⁶¹ (II: 42), feito também ao gosto neogótico e romântico das ruínas e que faz, como o Convento do Carmo, parte daquilo a que se chama o ruinismo português do século XIX.

No Convento do Carmo, a atenção da autora detém-se nos impressionantes detalhes góticos e na origem medieval do monumento cuja beleza nem o lixo que rodeia as colunas esbate, como ela informa ao tecer considerações de ordem estética, nomeadamente sobre o efeito emotivo que as ruínas provocam: “the standing arches of the church, and the heaps of fallen rubbish out of which rise the stately pillars that support them. These beautiful Gothic arches, all perfect, standing amid such a mass of ruin, make the picture even more melancholy than if they too were broken” (II: 27). Para veicular a velocidade a que os antigos monumentos são destruídos em Portugal, DWQ parafraseia o volume segundo do *Tratado Elementar de Geografia Astronómica, Física e Histórica Antiga e Moderna*, de José de Urquellu (1837) que conclui: “[c]onservam-se em Braga os restos d’um aqueducto, d’um templo e d’um

⁵⁹ DWQ (II: 26): “[t]his would clearly account for what struck me as almost supernatural, those grand pillars and arches, keeping their places unmoved when roof and walls and everything else was thrown to the ground, a melancholy sight to see a work so glorious thus destroyed! Lovely bits of columns and pillars and ornaments, delicately carved in marble, lie strewn about unheeded”.

⁶⁰ O olhar da viajante inglesa demora-se em monumentos góticos que agradariam ao leitor britânico familiarizado com o *Gothic Revival*, tendo-se o gótico assumindo como estilo identitário e nacional inglês, como atesta a construção do Westminster Palace (1840-1876).

⁶¹ Sobre o restauro das ruínas do Convento do Carmo e do Castelo dos Mouros, ambas visitadas por DWQ, veja-se Santos e Braga (2016: 58)

anfiteatro romanos” (Urcullu 1837: 105). A viajante afirma de seguida, com humor, e através de uma hipérbole: “[a] Roman aqueduct, temple, and amphitheatre, noted by Urcullu as existing at Braga when he was preparing his work, had disappeared before his work was published”, antes de informar o leitor sobre o desaparecimento desses três monumentos desde 1837, tendo as obras públicas nesses locais dado origem a mais descobertas arqueológicas (I: 123).

As ruínas, enquanto experiências estéticas, permitem à autora abordar temas como a efemeridade da vida, a decadência de monumentos devido à incúria e políticas desadequadas de preservação de património, por exemplo, ao criticar o descuido com monumentos como o Templo Romano de Évora, o desinteresse das elites portuguesas e a ignorância da população, afirmando estrategicamente que parafraseia a opinião de um anónimo respeitado português (I: 123-124), figura que poderá remeter para o seu marido, assim enaltecido. As ruínas de conventos expropriados pelo governo liberal e votados ao abandono permitem a DWQ recordar a violência desses políticos para com a Igreja Católica, tal com as ruínas de Tintern Abbey e Fountains Abbey funcionam como fissuras (ou cortes com o passado) na cronologia histórica⁶² e recordam a violência da Reforma de Henry VIII para com os católicos. As ruínas são também uma metáfora para comentar, de forma simbólica, o estado (político e social) de Portugal, como acontece com as degradadas casas (de) nobres que ilustram o lento fim do Antigo Regime através da supressão e controlo de direitos, privilégios e rendimentos (que provinham de bens da Coroa) das elites aristocráticas pelas Constituições Liberais (Urbano 2005: 19).⁶³ Se DWQ visita um Portugal em mudança, essa transformação é simbolizada pelos inúmeros ex-conventos (alguns em ruínas) e pela *faded grandeur* de nobres solares descritos pela viajante.

A estética das ruínas exige a do restauro desse património que é necessário salvaguardar, e, como acontece nos jardins em frente ao Palácio Burnay, a autora, ao deixar Portugal e avistar Lisboa do rio, sobretudo as marcas traumáticas do terramoto de 1755, caracteriza os portugueses através de estereótipos negativos como a indolência, imagens que são reforçadas pela forma como as autoridades demoram a restaurar o património degradado, nomeadamente a Basílica da Estrela:

⁶² Para uma leitura das ruínas como fissuras com o passado, algumas das quais fruto de violência, veja-se Fritzsche (2004: 92-10).

⁶³ Sobre as casas, o poder e os interesses da aristocracia portuguesa (que apoiou sobretudo D. Miguel) e o declínio acentuado da maior parte das velhas casas da aristocracia titular (1750-1832), veja-se Monteiro (1998) e Urbano (2005: 20), que recorda que a abolição dos dízimos, dos forais e dos bens da Coroa fizeram extinguir mais de metade das fontes de receita desse grupo social, aumentando o nível de endividamento que já se fazia sentir.

[s]till I felt Lisbon to be inferior to Oporto in *picturesque* beauty; but then it must be borne in mind that almost all the striking points—the towers and spires of Lisbon—were thrown down by the earthquake, and few of them have been restored; and the Estrella church, which has the one handsome tower and cupola, was disfigured just now by a scaffolding, erected several months before, with the intention of repairing some serious injury done by lightning. No advance was yet made in the repairs, and probably, according to Portuguese usage, this scaffolding will be allowed to decay before they are ready to begin the work” (II: 81).

O metonímico Mosteiro dos Jerónimos também simboliza o estado negativo do país, enquanto a viajante se preocupa com a conservação de monumentos: “but, alas!, like all things in Portugal, the building is unfinished beyond the roof, and instead of two fine towers, there is one miserable pigeon-cote-like turret, where hang two or three tinkling bells” (II: 8). A par da temática do restauro do património, encontramos a da preservação de peças e colecções de arte, ou seja, de objectos históricos e da cultura material nacional. O já referido ataque aos liberais e a D. Pedro, feito através da crítica à forma como tratariam o património, faz-se sentir quando DWQ afirma que até à expulsão de D. Miguel em 1834,⁶⁴ o Palácio do Ramalhão, em Sintra, “was the richest of all palaces, in furniture, decorations, and things of virtue”, criticando a decisão de D. Pedro mandar transferir o seu recheio para os palácios da Pena (“Moorish”), da Ajuda e de Belém, dividindo as colecções e dando origem à destruição de inúmeras peças (“great was the demolition of clocks and chinás on the road, from careless packing”; II: 37). No entanto, uma fonte portuguesa coeva informa que muitos desses relógios terão sido danificados antes da altura que a autora indica, ao serem escondidos durante as invasões francesas (Soares 2017: 24). De facto, é D. Maria II que decide adquirir o Palácio e ordena a dispersão das peças, sobretudo mobiliário, pelos palácios de Queluz e Paço de Sintra, em 1836. Quando foram terminados os inventários, em 1843, o recheio foi transferido para o Paço da Bemposta para posterior exibição e venda pública, que só aconteceria em 1847, mas que é criticada na imprensa portuguesa como um acto de “moderno vandalismo” (Soares 2017: 24-25). Será todo esse processo que está subjacente ao elogio que DWQ tece à colecção e à crítica da sua divisão, embora atribua as culpas erradamente a D. Pedro. O *Journal* demonstra, portanto, que a informação veiculada pela escrita de viagens sobre património e agentes políticos pode ser ideologicamente marcada e utilizada para demonizar determinados interesses, grupos e/ou pessoas, exigindo, como sabemos, o cotejamento entre ficções e factos históricos.

DWQ descreve a Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães desfigurada por sucessivas obras de conservação (“the stupidities, in restoration”), regressando a questão

⁶⁴ A Convenção de Evoramonte (26-05-1834) exige a D. Miguel (que se rende incondicionalmente) o exílio num período de quinze dias, com uma pensão vitalícia.

da preservação do património ao relato de forma intensa para veicular quer o seu espanto perante o descuido com esse monumento, quer críticas ao então recente restauro (1830-1838), antes de resumir lendas regionais (I: 193) e ocupar-se, portanto, do património imaterial local, mais propriamente da literatura oral e tradicional, que volta a convocar, por exemplo, em Lisboa, ao visitar São Vicente de Fora e resumir o mito desse santo e dos seus corvos (II: 21). A autora também veicula juízos de valor sobre o ‘restauro’, ou “purificação”, do templo de Diana em Évora através do termo “shambles” (I: 124; nossa tradução) e critica a negligência semelhante que se observa na GB, por parte do Parlamento e dos caminhos de ferro, que destroem locais arqueológicos em nome do progresso (I: 124). Também a poesia⁶⁵ e as campanhas de WW para salvaguardar o Lake District e combater a construção de linhas de ferro nessa região são exemplos da consciência da família Wordsworth da necessidade de salvaguardar os patrimónios natural e (i)material.

DWQ critica os intolerantes países católicos por exercerem demasiada censura e pelos excessos religiosos que levam à destruição de monumentos anteriores ao nascimento de Cristo (I: 124) e adianta que essa prática é também motivada pela inutilidade de aquedutos, anfiteatros e lápides, entre outras construções romanas e árabes⁶⁶ e pela consequente utilização dessas pedras em novas construções: (“whatever was unserviceable where it stood, they never hesitated, when within easy reach, to appropriate to any needful purpose”; I: 25). A par da crítica de comportamentos lusos, a viajante tenta contextualizar e até explicar essas atitudes e formas de ser e de fazer, supondo que o ódio português dirigido a ocupantes estrangeiros também leva à destruição de antigos vestígios romanos (I: 130). No entanto, o *Journal* alarga a discussão sobre a importância do património e comenta o processo coevo de ‘profissionalização’ da arqueologia⁶⁷ e o cuidado científico que deve orientar o investigador: “[t]o bungling renovators, and to others who, it is said, have altered letters less in ignorance than fraud, to help a theory or gratify a prejudice, may be partly charged the disrepute of the lapidary inscriptions of the Spanish peninsula” (I: 131). Muitos desses artefactos acabam, como veremos de seguida, por ser preservados e exibidos como património nacional em museus criados para o efeito.

⁶⁵ Por exemplo, “On the Projected Kendal and Windermere Railway” (1844).

⁶⁶ Entre outros viajantes, também Rhys (1749: 218, 221, 230-231) já referira as ‘ocupações’ romana e muçulmana de Portugal e os termos árabes na língua portuguesa como episódios e legados de contactos interculturais.

⁶⁷ Trigger (1996: 269) conclui sobre a “arqueologia nacionalista”: “[a]rchaeological cultures were defined [...] as prehistoric manifestations of historically known peoples [...]. European archaeologists sought to lengthen the pedigrees of their own national or ethnic groups [...] by identifying a particular people [...] leading into the remote past and drawing attention to the special achievements of these cultures”.

7. O Museu Portuense como espaço de construção de memória e a crítica às políticas museológicas liberais

No caos da guerra, a protecção do património poderia (ou deveria) surgir como algo secundário ou mesmo irrelevante. No entanto, D. Pedro vai compreender a importância do momento, enquanto oportunidade para construir algo novo com os despojos das lutas em que se via envolvido, utilizando-os em favor da sociedade, enquanto meios de instrução.

Rodrigues (2017: 117)

Antes de visitar Portugal, DWQ tivera já contacto com mestres de renome da pintura europeia no norte da Europa, em 1828 (Wordsworth 2021) ao viajar com o pai e Coleridge pelos Países Baixos, pela Bélgica e pela Alemanha. Em Portugal, o primeiro contacto com arte portuguesa — sobretudo com obras recolhidas em conventos abandonados (Tibães e Santa Cruz de Coimbra) e em casas saqueadas a absolutistas ou por eles abandonadas (Ribeiro 1836: 5) — tem lugar no Porto, no Museu Portuense (actual Museu Soares do Reis), que, com o apoio de D. Pedro IV,⁶⁸ fora instalado, em 1833, no Convento de Santo António, tal como a Biblioteca Pública, como o *Journal* refere (I: 226). O museu, fundado para servir de agente de instrução pública, só seria inaugurado a 29 de Junho de 1840, pela filha de D. Pedro, depois de uma primeira abertura pública a 28 de Julho de 1834.⁶⁹ Como recorda Rodrigues (2017: 133), a instituição nasce também do sentido de missão de D. Pedro, que, em plena guerra civil, motivado por objectivos culturais, políticos e pedagógicos, introduziu em Portugal aquela que pode ser entendida como “uma nova prática da museologia, com os museus a serem entendidos como instituições ao serviço do público”.

Ao visitar o Museu Portuense, DWQ critica, tal como um dos primeiros historiadores dessa instituição (Vitorino 1930: xv), as péssimas condições (a humidade, o frio, o edifício) de exibição e preservação das obras de arte e de relíquias como a espada de D. Afonso Henriques (I: 226). Como é sabido, a espada havia sido retirada do túmulo do rei na Igreja de Santa Cruz de Coimbra, em 1834, e a autora refere-se às dúvidas dos que, na altura, defendiam que a espada pertencera, na realidade, a D. Afonso V. A paisagem e os artefactos do norte de Portugal, de onde D. Afonso Henriques é natural, convocam amiúde o primeiro rei português e a sua relação com a mãe ao longo do *Journal*, tema que poderá remeter para a relação da viajante com os seus pais e para a sua própria desobediência ao viajar para Portugal e ao publicar o diário contra a vontade de WW e MW. A opinião negativa de DWQ sobre as obras de arte exibidas é também partilhada pelo conde Raczyński (1846: 386, e a autora enfatiza o facto de artefactos históricos (de D. Pedro) serem objectificados e passarem a ser

⁶⁸ Sobre o incremento das Belas-Artes por D. Pedro, veja-se Soares (2014b).

⁶⁹ No museu encontravam-se 200 painéis na galeria e mais 200 na reserva (Ribeiro 1836: 9).

meros adereços pomposos e peças isoladas, sem contexto, quando apresenta, ao leitor anglófono, o passado dos objectos pessoais e a forma como são exibidos: “I could not get up any enthusiasm for Don Pedro’s black cocked hat and white plume,⁷⁰ nor for his pocket telescope, though it was presented by his graceful widow the Duchess of Braganza. These things are preserved under a glass case, on a richly carved stand, placed in the middle of the gallery” (I: 226). A falta de entusiasmo da visitante pelo museu reforça a opinião negativa sobre D. Pedro e consequentemente sobre o ‘seu’ museu, cuja colecção falha ao não estimular a curiosidade da consumidora. O hábito de coleccionar *memorabilia* de políticos e outras celebridades como Wellington, Nelson, Napoleão, WW ou Byron, era comum no século XIX, e DWQ sabe-o, sendo, portanto, normal que artefactos do rei liberal e impulsionador do museu estivessem presentes na instituição. A diarista, claramente anti-liberal, nega aos objectos pessoais de D. Pedro o estatuto de relíquias de interesse público e histórico, minimizando estrategicamente os seus valor e função simbólica. Aliás, foi o director do museu, como o próprio informa (Ribeiro 1836: 26), que decidira expor objectos pessoais do grande impulsionador da instituição. DWQ inscreve-se no texto a observar e a ser observada a fazê-lo, e o museu é textualizado como um espaço disfuncional e desapropriado para guardar uma colecção de pinturas, avançando ainda a autora informação sobre que objectos são exibidos, em que disposição e como são protegidos, sem quaisquer condições físicas que convidem o visitante a permanecer no ou a regressar ao edifício.

A descrição do mais antigo museu de arte do país e dos demais monumentos visitados e explorados por DWQ remete para o processo de visualização crítica e informada que a autora convida o leitor anglófono a co-realizar, no caso, de objectos pessoais de D. Pedro. A selecção de artefactos que a visitante decide descrever relacionam-se quer com o Cerco do Porto, durante o qual o museu foi organizado, quer com a vitória e as políticas educativas liberais que deram origem ao primeiro museu público de arte do país, ou seja, como recordam Fyfe e Law (1988: 1), a gramática visual de um museu, enquanto narrativa e trabalho social com várias camadas, inclui e exclui artefactos e cria hierarquias e até um visitante implícito. DWQ valoriza mais os ex-donos dos objectos do que os artefactos em si, que, tal como os monumentos que descreve, recordam quer o passado em que foram utilizados como símbolos de poder, quer o presente que os revisita como peças de museu (espaço também biográfico e político) e património nacional, funcionando esses objectos (de um sujeito

⁷⁰ Objectos que se encontram ainda no acervo do museu: o chapéu armado da farda de D. Pedro IV, doado ao museu, como informa DWQ, pela Duquesa de Bragança, D. Amélia Augusta. Esta peça (n.º de inventário 10.3 Div MNSR) está inventariada e fotografada, no catálogo *online* dos Museus do Estado Português (MatrizNet 2010: s.p.), com os outros objectos que DWQ refere, o óculo e o cinturão de D. Pedro.

histórico) em exibição simultaneamente como metonímia e metáfora patrimoniais, pois enquanto “signs and symbols [they] carry a true part of the past into the present, but also [...] bear perpetual symbolic reinterpretation which is the essence of their peculiar and ambiguous power” (Pearce 1992: 27). A diarista reinterpreta esses artefactos históricos com base nos seus ideais políticos e nas crenças do seu marido católico.

A visita ao museu permite à viajante assumir-se como consumidora da memória cultural que é produzida nesse espaço que o *Journal* também ajuda a patrimonializar, fenómeno que passa obviamente pela política e por questões como nacionalismo, identidade nacional e pela forma como se (re)constrói o passado a partir do presente através da ideia do património (seleccionado), de catálogos e legendas e de relatos de viagem (que os textualizam). Essas instituições públicas e patrimoniais acumulam dimensões e funções estéticas, didácticas e de entretenimento que DWQ, não sendo uma visitante ingénua,⁷¹ contempla ao abordar objectos (auto)biográficos exibidos que transformam o privado em público e político. Curiosamente, apesar da doação da Duquesa de Bragança, que a autora valoriza, os objectos não têm para ela qualquer interesse museológico ou histórico, criticando, portanto, também a curadoria do director do museu. O *Journal* permite-nos analisar de que forma uma visitante vitoriana percebe, descodifica e consome museus portugueses, muitas vezes com o British Museum como referente de comparação.⁷² Temos a opinião de uma visitante sobre objectos masculinos, políticos e politizados pelo museu e pela própria, e sobre a oferta destes por uma outra agente cultural, a mulher do fundador do museu e patrona da instituição, ou seja, DWQ enfatiza também a agência feminina e política da duquesa que participa na construção do museu, que é contemplado através da esfera feminina, desde a sua constituição ao seu consumo. Os museus oitocentistas permitem a mulheres partir dos objectos exibidos para perorar sobre os mais variados assuntos históricos, sociais, políticos e económicos, ou sobre o passado e o contemporâneo, que estavam até então tradicionalmente circunscritos ao discurso masculino. Estratégias subtis como a que acabámos de analisar provam que as mulheres também reinventaram e enfatizaram a sua participação em instituições culturais no século XIX (Hoberman 2002: 489–512; Shales 2010), independentemente de repetirem o discurso masculino preponderante, muitas vezes para o questionar, como conclui Hill (2016) num estudo sobre mulheres vitorianas, a modernidade e o *gendering of knowledge* em museus. Não é, portanto, de

⁷¹ A autora estaria consciente de que o museu simboliza e festeja a revolução liberal em Portugal e funciona também como símbolo do agradecimento de D. Pedro IV pelo esforço da população local e dos triunfos desse poder político (Ferreira 2016), criticado por DWQ.

⁷² A comparação das más condições de trabalho de artistas no museu com as do Louvre, Prado ou British Museum foram recorrentes (Ferreira 2016: s.p.)

admirar que Leask (2002: 30) proponha uma afinidade entre a museologia e os relatos de viagem, pois ambos tentam familiarizar os leitores com culturas longínquas no tempo e/ou no espaço, enquanto Bal (1996: 3) recorda que um museu, ao expor um objecto, não informa apenas o visitante, mas reconhece a importância desse artefacto (patrimonializa), como DWQ sabe quando critica os objectos biográficos de D. Pedro no Museu Portuense. Já Crane (2000: 2) recorda que um museu, tal como a memória, existe em diversos níveis — no edifício, nos espaços de exposição e em versão portátil, como o catálogo, ou digital — que persistem na memória de sucessivas gerações de visitantes, funcionários e leitores, narrando identidades culturais, conhecimento científico e até a modernidade através do processo de patrimonialização de objectos que, ao serem exibidos por museus, adquirem um novo estatuto.

Conclusão

Como sabemos, o nacionalismo cultural é uma das características do Romantismo (Bann 1995), não sendo, portanto, de admirar que DWQ espelhe vários debates, tendências e até *performances* intelectuais típicas do início da era vitoriana, dos museus aos monumentos, da história à literatura, entre outros tipos de património (i)material que o *Journal* utiliza para demonstrar a antiguidade e a diversidade da cultura e da história do país maioritariamente católico onde nascera o seu marido e guia-mediador, EQ. A viajante que se assume como conservadora rejeita a recente cultura constitucional popular que marca a Europa do Sul desse período (Isabella 2023) e utiliza estrategicamente, como vimos, a gestão do património nacionalizado após a extinção das ordens religiosas para criticar o governo liberal. DWQ recusa a modernidade política portuguesa, elogia e romantiza a rusticidade e a ausência da industrialização na paisagem rural⁷³ e manifesta o seu desagrado perante a modernidade arquitectónica e industrial de Barcelona (II: 218), prendendo-se à pré-modernidade pitoresca, que busca e enfatiza ao longo da viagem. O *Journal* recorda e convoca constantemente, a propósito de monumentos ou ‘espaços de memória’, a literatura e o passado portugueses e até os britânicos (Guerra Peninsular), numa altura em que a história se estava a tornar uma disciplina científica e romancistas como Walter Scott a voltavam a fundir com a literatura através do romance histórico.

⁷³ Em certas zonas do Porto e da Foz, DWQ romantiza o universo dos empobrecidos urbanos e rurais, preferindo escapar dos ambientes urbanos. Numa missava que envia ao pai, a 19 de Outubro de 1845, informa: “Portuguese are not “Rail-way mad”, como os ingleses (Wordsworth Trust, WLL./Wordsworth, Dora/2/19).

A narradora, investigadora e protagonista da viagem desempenha vários papéis no tecido do seu texto (auto)biográfico, da historiadora e crítica de arte à mediadora cultural, enquanto interpreta e textualiza o património (i)material português. Como vimos ao longo desta Lição, a escrita feminina de viagens tem sido interpretada como forma de a mulher reclamar espaço e visibilidade sociais (Krueger 2014: 1-17), e DWQ comprova ser uma autoridade informada sobre o património, a cultura, a história, a política, a literatura, a fauna, a flora, a religião, a etnografia e a contemporaneidade portuguesas, reclamando para si, com o apoio do marido, voz pública e autoridade nesses domínios que eram ainda quase exclusivos do discurso masculino. A par do antigo património, e ao contrário do que DWQ testemunhará em Barcelona,⁷⁴ a modernidade parece não se fazer sentir em Portugal, pois, curiosamente, a autora não associa a extinção das ordens religiosas e outras medidas dos liberais ao progresso e à modernidade, nem o Museu Portuense à cultura científica. Para a autora, o Portugal governado por liberais é um país em declínio social, político e económico, elogiando o *Journal* a autoridade da Igreja Católica e descrevendo ruínas dos outrora esplendorosos solares de famílias nobres cuja linhagem remonta à Idade Média, um período também revisitado e ‘manufacturado’ na Europa Oitocentista para singularizar identidades nacionais através das interligadas dimensões culturais, científicas e políticas do estado-nação em construção (Geary e Klaniczay 2013).

Como vimos ao longo deste estudo, apesar de os relatos de viagem britânicos produzidos no âmbito do Grand Tour já descreverem monumentos, ruínas e património (i)material dos países visitados, o *Journal* ilustra uma nova forma de a Europa se relacionar com o património nacional através quer de revivalismos (gótico), da imaginação histórica romântica e vitoriana e da ‘canonização’ de tradições, celebridades e identidades culturais, quer da investigação científica e da cultura do espectáculo visual e da celebração histórica e política que atribui à história e ao património, enquanto revisitações do passado, uma dimensão pública e de espectáculo. Esse interesse é plasmado no diário que, a partir de um ponto de vista católico, critica a cultura política e as práticas culturais liberais e participa nos processos de patrimonialização que se observa em Portugal na altura e da sua divulgação no mundo anglófono. Como já referimos, a escrita (feminina) de viagens do século XIX é influenciada pelo *scientific trend* e pelo *national heritage turn*, bem como pelo nacionalismo cultural e reflecte esses fenómenos através da citação de estudos arqueológicos, filológicos e historiográficos sobre ruínas romanas, literatura e história de Portugal, a par de visitas a museus e igrejas e referências à imprensa e ao teatro nacionais. DWQ, mulher de um católico

⁷⁴ Para DWQ, Barcelona “is [...] a fine city, but too modern to be interesting or picturesque” (II: 218).

nascido no Porto, critica a extinção das ordens religiosas e a secularização de uma enorme quantidade de património, como aconteceu gradualmente noutros países europeus após a Revolução Francesa, com o final do Antigo Regime, e se a autora aprecia Portugal como um espaço onde a modernidade não se faz ainda sentir, o património histórico e a cultura (i)material funcionam como ponte para um passado mais recuado e rural, que a Inglaterra industrializada se sentia a perder. No momento da escrita, o *Journal* revisita (a ideia d) o passado que permite a DWQ criar, a partir desse património, um novo discurso sobre a identidade nacional portuguesa e, nas entrelinhas, como demonstrámos, a sua própria *persona* pública em *performance*, voz e autoridade públicas, como escritora a profissionalizar-se e já não apenas como a filha, amanuense e mulher de poetas, criando, a partir do património histórico luso, um património literário que seria também só seu.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia activa

Quillinan, Dora Wordsworth, *Journal of a Few Months Residence in Portugal with Glimpses of the South of Spain*, Londres: Edward Moxon, 1847.

Bibliografia Passiva

Fontes históricas

Manuscritos

Arquivos Nacionais Torre do Tombo (ANTT)

Intendência das Obras Públicas, Livro 70 fls.76-77; Livro 73, fl. 96.

Wordsworth Trust, Grasmere, The Jerwood Centre⁷⁵

WLMS A/Coleridge, Sara/11, 39

WLL/Quillinan, Edward/1/53, 55, 74, 78.

WLMS EQD 13/4/2 (Edward Quillinan, “Diary”)

Wordsworth Trust, WLL/Wordsworth, Dora/1/17; 1/64; 2719; 2/25

Wordsworth Trust 1990.1.2

Fontes publicadas

Albuquerque, Luís Mouzinho de, “Circular de 19 de Fevereiro de 1836”, in *Colecção de Leis e Outros Documentos Officiaes Publicados desde o 1 de Janeiro até 9 de Setembro de 1836*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1836, p. 39.

Anónimo, “Domingos Sequeira, an Eminent Portuguese Painter”, *The Gentleman’s Magazine*, vol. 84, Março 1814, pp. 222-223.

Castilho, José Feliciano de, *Relatorio Acerca da Bibliotheca Nacional de Lisboa. No 1º de Janeiro de 1844*, vol. 1, Lisboa: Tipografia Lusitana, 1844.

Coleridge, Samuel Taylor, *The Notebooks of Samuel Taylor Coleridge, Volume 5: 1827-1834*, ed. Kathleen Coburn e Anthony John Harding, Princeton: Princeton, 2002.

Herculano, Alexandre, “Mais Um Brado a Favor dos Monumentos II”, *O Panorama*, vol. 94, 16-02-1839, pp. 50-52.

⁷⁵Consulte-se: <https://collections.wordsworth.org.uk/wtweb/home.asp?page=Simple%20search>.

Ribeiro, João Baptista, *Exposição Histórica da Creação do Museo Portuense, Com Documentos Officiaes para Servir á História das Bellas Artes em Portugal, e á do Cêrvo do Porto*, Porto: Imprensa de Coutinho, 1836.

Saint-Antoine, Daniel de, *Éloge Funèbre de S. M. Don Pedro Duc de Bragançe, Empereur du Brésil, Régent du Portugal et de L'Algarve*, Paris: Imprimerie de Dezauche, 1834.

Wordsworth, Dora, *The Letters of Dora Wordsworth*, ed. Howard P. Vincent, Chicago: Packard and Company, 1944.

Wordsworth, Christopher, *Memoirs of William Wordsworth*, Londres: Edward Moxon, 1851.

Obras literárias

Garrett, Almeida, *Camões*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1858.

Quillinan, Edward, *The Conspirators, or the Romance of Military Life*, vol. 1: *Sisters of the Douro*, Londres: Henry Colburn, 1841.

Wordsworth, William, *Prose Works of William Wordsworth*, Oxford: Clarendon Press, 1974.

Relatos de viagem

Anónimo, *The Lisbon Guide*, Lisboa: António Joaquim de Paula, 1853.

Baillie, Marianne, *Lisbon in the Years 1821, 1822, and 1823*, 2 vols., Londres: John Murray, 1825.

Gordon, Helen Cameron (Lady Russell), *My Tour in Portugal*, Londres: Methuen & Co., 1932.

Hobhouse, John Cam (1908), "Hobhouse's Diary. Portugal, July 7th–23rd 1809". Ed. Peter Cochran, pp. 1-15. Disponível: <https://petercochran.files.wordpress.com/2009/12/01-portugal.pdf>. Acesso: 12-10-2018.

Hodges, George Lloyd, *Narrative of the Expedition to Portugal in 1832 under the Orders of his Imperial Majesty Dom Pedro, Duke of Bragança*, 2 vols., Londres: James Fraser, 1833.

Jackson, Catherine Charlotte, Lady, *Fair Lusitania*, Londres: Richard Bentley and Son, 1874

Kingston, William H. G., *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil*, Londres: John W. Parker, 1845.

Kingston, William H. G., *My Travels in Many Lands*, Londres: W. Kent and Co., 1862.

Lichnowsky, Príncipe Felix, *Portugal: Recordações do Anno de 1842*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1845.

Lowther, Lady, *Moments in Portugal or Land of the Laurel*, Londres: Luzac, 1939.

Murphy, James C., *Travels in Portugal through the Provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura and Alentejo in the Years 1789 and 1790*, Londres: A. Strahan, T. Cadell and W. Davies, 1795.

Rhys, Udal Ap, *An Account of the Most Remarkable Places and Curiosities in Spain and Portugal*, Londres: J. Osborn, 1749.

Wordsworth, Dora, *Canals, Castles and Catholics: Dora Wordsworth's Continental Journal of 1828*, ed. Cecilia Powell, Grasmere: The Wordsworth Trust, 2021.

Wortley, Lady Emmeline Stuart, *A Visit to Portugal and Madeira*, Londres: Chapman and Hall, 1854.

Estudos

Estudos (Críticos) sobre Património, Memória e Museus

Alpers, Svetlana, "The Museum Effect", in I. Karp e S. D. Lavine (eds.), *Exhibiting Cultures: The Poetics and Politics of Museum Display*, Washington: Smithsonian Institution Press, 1991, pp. 25-32.

Alves, Alice Nogueira, "Ramalho Ortigão e o Culto dos Monumentos Nacionais no Século XIX", Tese de Doutoramento em História, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.

Anderson, Benedict, *Imagined Communities*, Princeton: Princeton UP, 1991.

Abt, Jeffrey, "The Origins of the Public Museum", in Sharon Macdonald (ed.), *A Companion to Museum Studies*, Malden: Blackwell, 2006, pp. 115–134.

Amougou, E., *La Question Patrimoniale*, Paris: Le Harmattan, 2004.

Anacleto, Maria Regina, *Arquitetura Neomedieval Portuguesa, 1780-1924*, vol. 1, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian-JNICT, 1997.

- Ashworth, G. J., Brian Graham e J. E. Tunbridge, *Pluralising Pasts: Heritage, Identity and Place in Multicultural Societies*, Londres: Pluto Press, 2007.
- Assmann, Aleida, “Re-framing Memory: Between Individual and Collective Forms of Constructing the Past”, in K. Tilmans, F. van Vree e J. Winter (eds.), *Performing the Past: Memory, History and Identity in Modern Europe*, Amsterdão: Amsterdam UP, 2010, pp. 35-50.
- Association of Critical Heritage Studies, *Manifesto*, 2011. Disponível: <https://www.criticalheritagestudies.org/history>. Acesso: 22-03-2023.
- Astudillo, Ana E. e Noel B. Salazar, “Heritage Imaginaries and Imaginaries of Heritage: An Analytical Lens to Rethink Heritage from ‘Alter-native’ Ontologies”, *International Journal of Heritage Studies*, vol. 40.2, 2024, pp. 181-194.
- Bal, Mieke, *Double Exposures: The Subject of Cultural Analysis*, Londres: Routledge, 1996.
- Bann, Stephen, *The Clothing of Clío. A Study of the Representation of History in Nineteenth-Century Britain and France*, Cambridge: Cambridge UP, 1984.
- Bann, Stephen, *Romanticism and the Rise of History*, Nova Iorque: Twayne, 1995.
- Barata, Paulo J. S., *Os Livros e o Liberalismo. Da Livraria Conventual à Biblioteca Pública, Uma Alteração de Paradigma*, Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003.
- Bauman, Zygmunt, *Identity: Conversations with Benedetto Vecchi*, Malden: Polity Press, 2004.
- Bermingham, Ann, “Urbanity and the Spectacle of Art”, in J. Chandler e K. Gilmartin (eds.), *Romantic Metropolis: The Urban Scene of British Culture, 1780–1840*, Cambridge: Cambridge UP, 2005, pp. 151-76.
- Blix, G., *From Paris to Pompeii: French Romanticism and the Cultural Politics of Archaeology*, Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2008.
- Boswell, David e Jessica Evans (eds.), *Representing the Nation: A Reader. Histories, Heritage and Museums*, Londres: Routledge, 1999.
- Brundage, W. Fitzhugh, “Contentious and Collected: Memory’s Future in Southern History”, *Journal of Southern History*, vol. 75.3, 2009, pp. 751–766.
- Butler, B., “Heritage and the Present Past”, in C. Tilley, W. Keane, S. Küchler, M. Rowlands e P. Spyer (eds.), *Handbook of Material Culture*, Londres: Sage, 2006, pp. 463–479.
- Camacho, Keith L., *Cultures of Commemoration: The Politics of War, Memory, and History in the Mariana Islands*, Honolulu: University of Hawaii Press, 2011.
- Capela, Martins, *Miliários do Conventus Bracarangustanos em Portugal*, Porto: Tiografia de Artur José de Moura & Irmão, 1895.
- Carman, J., *Archaeology and Heritage: An Introduction*, Londres: Continuum, 2002.
- Caton K. e C. A. Santos, “Heritage Tourism on Route 66: Deconstructing Nostalgia”, *Journal of Travel Research*, vol. 45.4, 2007, pp. 371-386.
- Choay, Françoise, *A Alegoria do Património*, trad. Teresa Castro, Lisboa: Edições 70, 2000.
- Colley, Linda, *Britons: Forging the Nation, 1707-1837*, New Haven: Yale UP, 1992.
- Colmenero, A. Rodríguez, S. Ferrer Sierra e R. Álvarez Asorey, *Miliários e Outras Inscricións Viarias Romanas do Noroeste Hispánico*, Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, 2004.
- Crane, Susan A. (ed.), *Museums and Memory*, Stanford: Stanford UP, 2000.
- Curtis, Jared, *William Wordsworth, Last Poems 1921-1850*, Cornell: Cornell UP, 1999.
- Custódio, Jorge M. R., “‘Renascença’ Artística e Práticas de Conservação e Restauro Arquitectónico em Portugal, durante a 1ª República”, Tese de Doutoramento, Évora: Universidade de Évora, 2008.
- Custódio, Jorge, “Salvaguarda do Património: Antecedentes Históricos. De Alexandre Herculano à Carta de Veneza (1837-1964)”, in AA. VV., *Dar Futuro ao Passado*, Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, 1993, pp. 33-71.
- Davidoff, Leonore e Catherine Hall, *Family Fortunes: Men and Women of the English Middle Class*, Londres: Routledge, 2018.

- Davis, Whitney, “Foreword: The Interval of Revival,” in Ayla Lepine, Matt Loder e Rosalind McKeever (eds.), *Revival, Memories, Identities, Utopias*, Londres: The Courtauld Institute of Art, 2015, pp. 12-16.
- Duggett, Tom, *Gothic Romanticism: Wordsworth, Architecture, Politics, Form*, Cham: Palgrave Macmillan, 2022.
- Ferreira, Emília, “O Museu Portuense, um Projecto Pedagógico”, *MIDAS*, vol. 7, 2016. Disponível: <http://journals.openedition.org/midas/1114>. Acesso: 03-01-2022.
- França, José-Augusto, “Património Cultural. Sentido e Evolução”, in J. Miranda, J. M. Claro e M. T. Almeida (eds.), *Direito do Património Cultural*, Lisboa: INA, 1996, pp. 23-39.
- França, José-Augusto, *A Reconstrução de Lisboa e a Arquitectura Pombalina*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1989.
- Frankl, Paul, *The Gothic: Literary Sources and Interpretations through Eight Centuries*, Princeton: Princeton UP, 1960.
- Fritzsche, Peter, *Stranded in the Present. Modern Time and the Melancholy of History*, Cambridge: Harvard UP, 2004.
- Fyfe, Gordon e John Law (eds.), *Picturing Power: Visual Depiction and Social Relations*, Londres: Routledge, 1988.
- Geary, Patrick J. e Gábor Klaniczay (eds.), *Manufacturing Middle Ages Entangled History of Medievalism in Nineteenth-Century Europe*, Leida: Brill, 2013.
- Gentry, Kynane Laurajane Smith, “Critical Heritage Studies and the Legacies of the Late-twentieth Century Heritage Canon”, *International Journal of Heritage Studies*, vol. 25.11, 2019, pp. 1148-1168.
- Gidal, Eric, *Poetic Exhibitions: Romantic Aesthetics and the Pleasures of the British Museum*, Cranbury: Bucknell UP, 2001.
- Giedion, Siegfried, *Arquitetura e Comunidade*, Lisboa: Livros Brasil, 1958.
- Gomes, Paulo Varela, “Traços de Pré-Romantismo na Teoria e na Prática Arquitetónicas em Portugal na Segunda Metade do Século XVIII”, in AA.VV, *Romantismo: Da Mentalidade à Criação Artística. Comunicações Apresentadas ao I Congresso Internacional de Sintra sobre o Romantismo*, Sintra: Instituto de Sintra, 1986, pp. 229-246.
- Goulet, Monique, “Ad hoc Lists of Bernard Itier (1163-1225), Librarian of St. Martial de Limoges”, in Lucie Doležalová (ed.), *The Charm of a List: From the Sumerians to Computerised Data Processing*, Newcastle Upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2009, pp. 66-79.
- Graham, Brian, Greg Ashworth e John Tunbridge, *A Geography of Heritage: Power, Culture and Economy*, Londres: Arnold, 2000.
- Graham, Brian e Peter Howard (eds.), *The Ashgate Research Companion to Heritage and Identity*, Aldershot: Ashgate, 2008.
- Grenier, Katherine Haldane, *Tourism and Identity in Scotland 1770–1914: Creating Caledonia*, Houndmills: Ashgate, 2005.
- Grenier, Katherine Haldane e Amanda R. Mushal (eds.), *Cultures of Memory in the Nineteenth Century: Consuming Commemoration*, Cham: Palgrave Macmillan, 2020.
- Griffin, Susan, *Anti-Catholicism and Nineteenth-Century Fiction*, Cambridge: Cambridge UP, 2004.
- Hall, Stuart, “Cultural Identity and the Diaspora”, in J. Rutherford (ed.), *Identity, Community, Culture, Difference*, Londres: Lawrence & Wishart, 1990, pp. 222-237.
- Hall, Stuart, “Introduction Who Needs ‘Identity?’”, in Stuart Hall e Paul Du Gay (eds.), *Questions of Cultural Identity*, Londres: Sage, 2003, pp. 1-17.
- Hamilakis, Yannis, *The Nation and Its Ruins: Antiquity, Archaeology, and National Imagination in Greece*, Oxford: Oxford UP, 2007.
- Harrison, Rodney, *Heritage: Critical Approaches*, Abingdon: Routledge, 2013.
- Heringman, Noah (ed.), *Romantic Science: The Literary Forms of Natural History*, Albany: SUNY Press, 2003.
- Heringman, Noah, *Romantic Rocks, Aesthetic Geology*, Ithaca: Cornell UP, 2004.
- Heringman, Noah, *Sciences of Antiquity: Romantic Antiquarianism, Natural History, and Knowledge Work*, Oxford: Oxford UP, 2013.
- Hewison, Robert, *The Heritage Industry: Britain in a Climate of Decline*, Londres: Methuen, 1987.
- Hobsbawm, Eric e Terence Ranger (eds.), *The Invention of Tradition*, Cambridge: Cambridge UP, 1983.
- Hooper, Glenn (ed.), *Heritage at the Interface: Interpretation and Identity*, Orlando: UP of Florida, 2018.

- Horne, Donald, *The Great Museum: the Re-presentation of History*, Londres: Pluto Press, 1984.
- Hutton, Patrick, *The Memory Phenomenon in Contemporary Historical Writing: How the Interest in Memory Has Influenced our Understanding of History*, Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2016.
- Ibata, Hélène, *The Challenge of the Sublime: From Burke's Philosophical Enquiry to British Romantic Art*, Manchester: Manchester UP, 2018.
- Isabella, Maurizio, *Southern Europe in the Age of Revolutions*, Princeton: Princeton UP, 2023.
- Kaplan, Brett A. (ed.), *Critical Memory Studies: New Approaches*, Londres: Bloomsbury Academic, 2023.
- Kattago, Siobhan, *Encountering the Past within the Present: Modern Experiences of Time*, Nova Iorque: Routledge, 2019.
- Klein, K., "On the Emergence of Memory in Historical Discourse", *Representations*, vol. 69, 2000, pp. 127–150.
- Knight, Richard Payne, *An Analytical Inquiry into the Principle of Taste*, Londres: T. Payne, 1805.
- Theodore Koditschek, "The Making of British Nationality", *Victorian Studies*, vol. 44, 2002, pp. 389-398.
- Kytle, Ethan e Blain Roberts, *Denmark Vesey's Garden: Slavery and Memory in the Cradle of the Confederacy*, Nova Iorque: New Press, 2018.
- Leerssen, Joep, "Introduction", in Lotte Jensen, Joep Leerssen e Marita Mathijsen (eds.), *Free Access to the Past: Romanticism, Cultural Heritage and the Nation*, Leida: Brill, 2010, pp. xv-xxii.
- Leerssen, Joep e Ann Rigney (eds.), *Commemorating Writers in Nineteenth-century Europe: Nation-Building and Centenary Fever*, Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2014.
- Lima, Maria Madalena G. da Costa, "Conceitos e Atitudes de Intervenção Arquitetónica em Portugal (1755-1834)", Tese de Doutoramento em História, Lisboa: FLUL, 2013.
- Logan, W., U. Kockel e M. N. Craith, "The New Heritage Studies", in W. Logan, U. Kockel e M. N. Craith (eds.), *A Companion to Heritage Studies*, Oxford: Wiley Blackwell, 2016, pp. 1-26.
- Lorente, J. Pedro, *Cathedrals of Urban Modernity: The First Museums of Contemporary Art, 1700-1930*, Nova Iorque: Routledge, 2018.
- Lowenthal, David, *The Heritage Crusade and the Spoils of History*, Cambridge: Cambridge UP, 1998.
- Lowenthal, David, *The Past is a Foreign Country. Revisited*, Cambridge: Cambridge UP, 2015.
- Lozny, Ludomir R., (ed.), *Comparative Archaeologies*, Springer: Nova Iorque, 2011.
- Mackenzie, John M., *Museums and Empire*, Manchester: Manchester UP, 2009.
- Maia, Maria Helena, *Património e Restauro em Portugal (1825-1880)*, Lisboa: Colibri e IHA, 2007.
- Maleuvre, D., *Museum Memories: History, Technology, Art*, Stanford: Stanford UP, 1999.
- Mannoni, Chiara, *Artistic Canons and Legal Protection*, Franquefurte: Max Planck Institute, 2023.
- Mantas, Vasco Gil, "Os Miliários como Fontes Históricas e Arqueológicas", *Humanitas*, vol. 64, 2012, pp. 139-169.
- MatrizNet, "Ficha de Inventário: 10.3 Div MNSR", *MatrizNet*, 2010. Disponível: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=305350>. Acesso: 10-01-2023.
- Monteiro, Nuno Gonçalo Freitas, *O Crepúsculo dos Grandes. A Casa e o Património da Aristocracia em Portugal (1750-1832)*, Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 1998.
- Nabais, José Casalta, *Introdução ao Direito do Património Cultural*, Coimbra: Almedina, 2010.
- Neto, Maria João Baptista, "A Ocupação dos Conventos durante as Invasões: Destruição e Pilhagem de Obras de Arte", in *Um General que Chega, um Príncipe que Parte, um País que Resiste. Portugal 1807-1808. Atas do X Curso de Verão da Ericeira*, Ericeira: Mar de Letras, 2008, pp. 123-129.
- Nora, Pierre (dir.), *Les Lieux de Mémoire*, 4 vols., Paris: Gallimard, 1984.
- Park, Hyung Yu, *Heritage Tourism*, Nova Iorque: Routledge, 2014.
- Parker, Andrew et al, *Nationalism and Sexualities*, Nova Iorque: Routledge, 1982.
- Peacocke, Emma, *Romanticism and the Museum*, Londres: Palgrave Macmillan, 2015.
- Pearce, Susan, *Museums, Objects and Collections: A Cultural Study*, Leicester: Leicester UP, 1992.

- Pereira, Paulo, “A Igreja e Convento do Carmo: Do Gótico ao Revivalismo”, in AA.VV., *Comemoração dos 600 Anos da Fundação do Convento do Carmo em Lisboa*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1989, pp. 87-112.
- Pereira, Paulo, “Lisboa Manuelina: Problemas de Conceito”, *Revista de História de Arte*, vol. 2, 2006, pp. 43-55.
- Puga, Rogério Miguel, *Imagologia e Mitos Nacionais: O Episódio dos Doze de Inglaterra na Literatura Portuguesa (c.1550-1902) e o Nacionalismo (Colonial) de Teófilo Braga*, Goa e Lisboa: Universidade de Goa e Caleidoscópico, 2014.
- Puga, Rogério Miguel, “Turismo Literário de Campo de Batalha: Representações de Waterloo na Rede Intertextual de Diários de Viagem de Dorothy, Mary (1820) e Dora Wordsworth (1828)”, *Lit&Tour: International Journal of Literature and Tourism Research*, vol. 3, no prelo [2024]. Disponível: <https://publicacoes.ciac.pt/index.php/litntour>.
- Raczynski, Atanazy, *Les Arts en Portugal*, Paris: Jules Renouard, 1846.
- Rigney, A., *The Rhetoric of Historical Representation: Three Narrative Histories of the French Revolution*, Cambridge: Cambridge UP, 1990.
- Robinson-Tomsett, Emma, *Women, Travel and Identity: Journeys by Rail and Sea, 1870–1940*, Manchester: Manchester UP, 2013.
- Rodrigues, Paulo Simões, “Património, Identidade e História: O Valor e o Significado dos Monumentos Nacionais no Portugal de Oitocentos”, Dissertação de Mestrado em História da Arte, Lisboa: NOVA FCSH, 1998.
- Rodrigues, Paulo Simões, “O Terramoto e a Génese da Consciência de Património em Portugal”, in Helena Buescu et al (ed.), *Catástrofe, Memória e Arte: 1755 / Colóquio ACT 14*, Lisboa: Colibri/Centro de Estudos Comparatistas, 2006, pp. 247-254.
- Rodrigues, Rute A. M., “Entre a Salvaguarda e a Destruição: A Extinção das Ordens Religiosas em Portugal e as suas Consequências para o Património Artístico dos Conventos (1834-1868)”, Tese de Doutoramento, Lisboa: FLUP, 2017.
- Rosas, Lúcia Maria Cardoso, “Monumentos Pátrios: A Arquitectura Religiosa Medieval: Património e Restauro (1835-1928)”, 2 vols., Tese de Doutoramento, Porto: FLUP, 1995.
- Russett, Margaret, *Fictions and Fakes: Forging Romantic Authenticity, 1760–1845*, Nova Iorque: Cambridge UP, 2006.
- Russett, Margaret e Joseph A. Dane, “‘Everlasting to Posterity’: Chatterton’s Spirited Youth”, *Modern Language Quarterly*, vol. 63, 2002, pp. 141-165.
- Samuels, Maurice, *The Spectacular Past: Popular History and the Novel in Nineteenth-Century France*, Ithaca: Cornell UP, 2004.
- Santos, Joaquim Rodrigues dos e Sofia Braga, “As Falsas Ruínas do Romantismo em Portugal: Evolução e Contextos”, *ARTIS: Revista de História da Arte e Ciências do Património*, vol. 4, 2016, pp. 58-67.
- Schlick, Yaël, *Feminism and the Politics of Travel after the Enlightenment*, Lanham: Bucknell UP, 2012.
- Shales, Ezra, *Made in Newark: Cultivating Industrial Arts and Civic Identity in the Progressive Era*, New Brunswick: Rivergate Books, 2010.
- Silva, José Custódio Vieira da, “Paços Medievais Portugueses. Caracterização e Evolução da Habitação Nobre (Séculos XII a XVI)”, vol. I, Dissertação de Doutoramento, Lisboa: NOVA FCSH, 1993.
- Silveira, Luís Espinha da, “A Venda dos Bens Nacionais (1834-43): Uma Primeira Abordagem”, *Análise Social*, vol. 16.61-62, 1980, pp. 87-110.
- Soares, Clara Moura, “A Extinção das Ordens Religiosas em Portugal na Implantação do Liberalismo: Efeitos sobre o Património Artístico dos Conventos”, in José Delgado Rodrigues (ed.), *De Vilollet-le-Duc à Carta de Venezia Teoria e Prática do Restauro no Espaço Ibero-americano*, Lisboa: LNEC, 2014a, pp. 9-15.
- Soares, Clara Moura, “D. Pedro I, do Brasil, IV de Portugal – o “Gosto do Bello” e o Incremento das Belas-Artes: Traços de um Perfil quase Desconhecido do Rei-soldado”, in Maria João Neto e Marize Malta (eds.) *Coleções de Arte em Portugal e Brasil nos Séculos XIX e XX: Perfis e Trânsitos*, Casal de Cambra: Caleidoscópico, 2014b, pp. 381-398.
- Soares, Clara Moura, “Os Recheios do Paço do Ramalhão (Sintra, Portugal): A Herança e o Gosto Artístico da Rainha D. Carlota Joaquina de Bourbon”, in Ana Cavalcanti et al (eds.), *Arte e Seus Lugares: Coleções em Espaços Reais*, Rio de Janeiro: UFRJ, EBA/PPGAV; Museu D. João VI, 2017, pp. 11-32.

Soares, Clara, Maria João Neto e Rute Rodrigues, “A Constituição dos Primeiros Museus de Arte em Portugal, no Século XIX, e a Consciência dos Princípios de Conservação Preventiva”, in Eduarda Vieira (ed.), *IX Jornadas de Arte e Ciência UCP*, Porto: Universidade Católica Editora, 2015, pp. 299-315.

Soares, Clara Moura e Rute M. Rodrigues, “A Salvaguarda do Património Histórico-artístico na Regência de D. Pedro IV: A Consciência Patrimonial no Contexto das Guerras Liberais”, in José D. Rodrigues e Sílvia Pereira (eds.), *Actas do Simpósio Património em Construção, Contextos para a sua Preservação*, Lisboa: LNEC, 2011, pp. 351-358.

Starzmann, Maria Theresia e John R. Roby (eds.), *Excavating Memory: Sites of Remembering and Forgetting*, Miami: UP of Florida, 2016.

Smith, Laurajane, *Uses of Heritage*, Nova Iorque: Routledge, 2006.

Schildgen, Brenda Deen, *Heritage or Heresy Preservation and Destruction of Religious Art and Architecture in Europe*, Nova Iorque: Palgrave Mcmillan, 2008.

Schwarzer, Mitchell, “The Sources of Architectural Nationalism,” in Raymond Quek, Sarah Butler e Darren Dean (eds.), *Nationalism and Architecture*, Farnham: Ashgate, 2012, pp. 19-38.

Smith Laurajane e Emma Waterton, *Heritage, Communities and Archaeology*, Londres: Duckworth, 2009.

Sousa, M. Alexandra, “Arquitetura Religiosa Medieval no Vale do Sousa: Intervenções do Século XIX ao Século XXI”, Tese de Doutoramento, Porto: FLUP, 2012.

Swenson, Astrid, *The Rise of Heritage: Preserving the Past in France, Germany and England, 1789–1914*, Cambridge: Cambridge UP, 2013.

Taylor John, *A Dream of England: Landscape, Photography and the Tourist's Imagination*, Manchester: Manchester UP, 1994.

Tedim, José Manuel, “Marcas Iconográficas das Invasões Francesas no Porto (Breve Estudo)”, in M. T. Terrón Reynolds e P. M. Cano-Cortés (ed.), *El Hito 1812 y su Estela en España y Portugal: Aspectos Singulares de la Iconografía y el Arte*, Cáceres: Imprenta Provincial de la Diputación de Cáceres, 2014, pp. 275-288.

Terenas, Gabriela Gândara, *O Portugal da Guerra Peninsular: A Visão dos Militares Britânicos (1808-1812)*, Lisboa: Edições Colibri, 2000.

Thiesse, Anne-Marie, *The Creation of National Identities: Europe, 18th–20th Centuries*, Leida: Brill, 2022.

Thompson, Francis Michael L., *The Rise of Respectable Society: A Social History of Victorian Britain 1830–1900*, Cambridge: Harvard UP, 1988.

Tilley, Christopher, *A Phenomenology of Landscape. Places, Paths and Monuments*, Oxford: Berg, 1994.

Trigger, Bruce G., “Romanticism, Nationalism, and Archaeology”, in P. Kohl e C. Fawcett (eds.), *Nationalism, Politics and the Practice of Archaeology*, Cambridge: Cambridge UP, 1996, pp. 263-279.

UNESCO, “What is Intangible Cultural Heritage?”, *Unesco.org*, 2011. Disponível: <https://ich.unesco.org/en/what-is-intangible-heritage-00003>. Acesso: 06-05-2023.

Urbano, Pedro, “A Casa Palmela e o Desafio Liberal: Estratégias de Afirmação”, Dissertação de Mestrado, Lisboa: NOVA FCSH, 2005.

Vitorino, Pedro, *Os Museus de Arte do Pôrto (Notas Históricas)*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1930.

Yuhl, Stephanie E., *A Golden Haze of Memory: The Making of Historic Charleston*, Chapel Hill: U of North Carolina P, 2005.

Estudos sobre escrita de viagens e escrita feminina

Black, Jeremy, *The British and the Grand Tour*, Dover: Croom Helm, 1985.

Bloom, Harold, *The Anxiety of Influence*, Nova Iorque: Oxford University Press, 1973.

Brigola, João, *Os Viajantes e o Livro dos Museus*, Porto: Dafne Editora, 2020.

Christ, Carol T. e John O. Jordan, *Victorian Literature and the Victorian Visual Imagination*, Berkeley: U of California P, 1995.

Fraser, Hilary, *Women Writing Art History in the Nineteenth Century: Looking Like a Woman*, Cambridge: Cambridge UP, 2014.

- García, Jonathan González, “*Letters Written during a Short Residence in Spain and Portugal* and Robert Southey’s Later Writings”, Tese de Doutoramento, Logroño: Universidade de La Rioja, 2021.
- Harper, Lila Marz, *Solitary Travellers: Nineteenth-Century Women’s Travel Narratives and the Scientific Vocation*, Londres: Associated UP, 2001.
- Haywood, Ian e Diego Saglia (eds.), *Spain in British Romanticism, 1800-1840*, Londres: Palgrave, 2017.
- Hill, Kate, *Women and Museums 1850–1914: Modernity and the Gendering of Knowledge*, Manchester: Manchester UP, 2016.
- Hoberman, Ruth, “Women in the British Museum Reading Room during the Late-Nineteenth and Early-Twentieth Centuries: from Quasi-to Counterpublic”, *Feminist Studies*, vol. 28.3, 2002, pp. 489–512.
- Hulme, Peter e Tim Youngs “Introduction”, in Peter Hulme e Tim Youngs (eds.), *The Cambridge Companion to Travel Writing*, Cambridge: Cambridge UP, 2002, pp. 1-16.
- Kanwit, John Paul M., *Victorian Art Criticism and the Woman Writer*, Columbus: Ohio State UP, 2013.
- Leask, Nigel, *Curiosity and the Aesthetics of Travel-Writing, 1770–1840: From an Antique Land’*, Oxford: Oxford UP, 2002.
- Luzzi, Joseph, *Romantic Europe and the Ghost of Italy*, Londres: Yale UP, 2008.
- Mónica, Filomena, *O Olhar do Outro. Estrangeiros em Portugal: Do Século XVIII ao Século XX*, Lisboa: Relógio d’Água, 2020.
- Orr, Clarissa C. (ed.), *Women in the Victorian Art World*, Manchester: Manchester UP, 1995.
- Parks, George B., “The Turn to the Romantic in the Travel Literature of the Eighteenth Century”, *Modern Language Quarterly*, vol. 25.1, 1964, pp. 22–33.
- McSweeney, Anna, “Mudéjar and the Alhambresque: Spanish Pavilions at the Universal Expositions and the Invention of a National Style”, *Art in Translation*, vol. 9.1, 2017, pp. 50-70.
- Thompson, Carl, “Journeys to Authority: Reassessing Women’s Travel Writing, 1763-1862”, *Women’s Writing*, vol. 24, 2017, pp. 131-150.
- Thompson, Carl, *Travel Writing*, Londres: Routledge, 2011.
- Thompson, Carl (ed.), *Women’s Travel Writings in India, 1777-1845*, vol. 1, Nova Iorque: Routledge, 2020.

Estudos sobre a família e o círculo Wordsworth

- Beal, Olena, *Dora Wordsworth: A Poet’s Daughter*, Teague: Wren’s Nest Press, 2009.
- Jones, Kathleen, *A Passionate Sisterhood: The Sisters, Wives and Daughters of the Lake Poets*, Londres: Virago, 1998.
- Waldegrave, Kathy, *The Poet’s Daughters: Dora Wordsworth and Sarah Coleridge*, Londres: Windmill Books, 2014.